

DOIS PONTOS

os dois lados da notícia

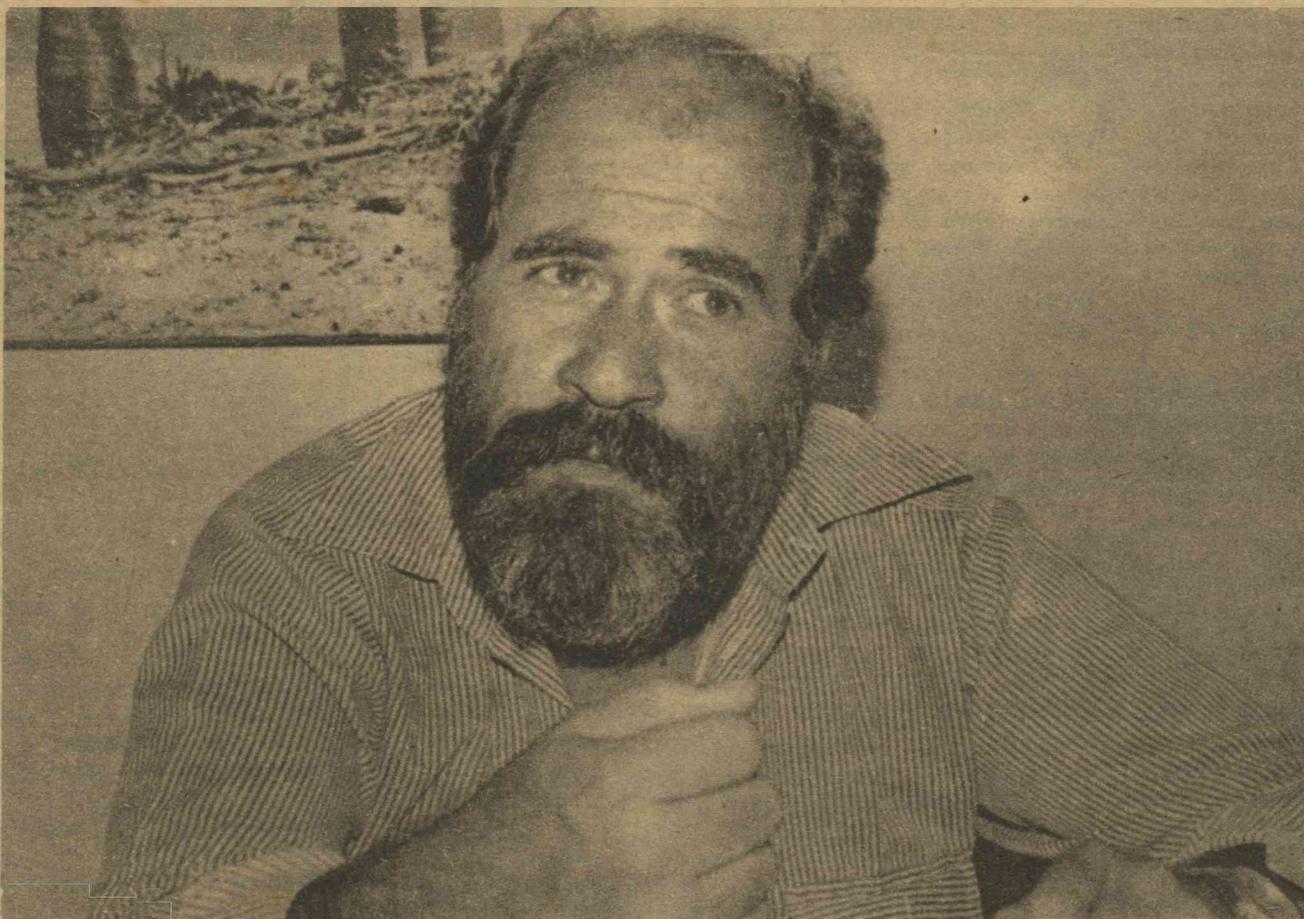
NATAL — ANO I — N.º 37

SEMANA DE 6 A 12 DE JANEIRO DE 1984

PREÇO DO EXEMPLAR: Cr\$ 200,00

Residência oficial
é atingida por balas e
a PM mantém sigilo
(Pág. 4)

O natalense «subversivo» que venceu em Paris



Às vésperas de março de 64 Marcos de Castro Guerra era um jovem insatisfeito com as condições sociais do país. Engajado com o professor Paulo Freire, ele implantava um método revolucionário de alfabetização, ao mesmo tempo em que atuava no Movimento de Educação de Base, fundava sindicatos rurais e integrava-se a outros movimentos liderados pela Igreja. Com o movi-

mento de 64, Marcos foi preso e terminou exilado em Paris, aonde tornou-se especialista em assuntos do Terceiro Mundo, com competência tal que terminou convidado pela UNESCO para ser seu consultor. Pela primeira vez desde 64, Marcos abre-se e conta fatos de sua vida e de sua luta, revelando-se em cinco páginas de entrevista exclusiva.

Políticos e multinacionais compram terras no baixo-Açu

O Projeto Baixo-Açu continua até hoje uma incógnita para os moradores da região do Vale, embora devessem ser eles os seus principais beneficiários. Em compensação, cresce o número de multinacionais interessadas nas terras irrigáveis do projeto, assim como cresce o interesse de políticos.

(Pág. 5)

C. Alberto é candidato ao Governo em 86
(Pág. 3)

Regime cubano impressiona Antonio Câmara
(Pág. 6)

Equipe de JA deverá mudar neste semestre
(Pág. 24)

**Cultivo
de algas
tornou-se
realidade**

Nossa culpa

MARCOS AURÉLIO DE SÁ

A causa de convivermos de mãos dadas com a incompetência, a irresponsabilidade social, a corrupção nas instituições públicas (principalmente) e privadas, e de aceitarmos como fatalidade tantos erros de perspectiva e tantas omissões que às vezes chegam mesmo a provocar desastres e mortes, a causa — repetimos — é que neste país e neste Estado nos acostumamos a receber tudo como dádiva. Desaprendemos (ou na verdade nunca chegamos a aprender) o exercício da conquista. Perdemos a vontade de lutar por objetivos. Como não nos submetemos a deveres rígidos nem obedecemos a normas disciplinares comezinhas (tais como as leis, que só valem para os pobres e os desprovidos de pistolão!), também não damos o menor valor aos nossos direitos.

Vivemos num meio em que as pessoas em geral não zelam pela sua cultura. Das crianças e dos jovens, quando muito se exige a frequência a escolas mediocres (principalmente as da rede pública), onde são ministradas aulas sobre assuntos absolutamente inócuos para a realidade social e econômica da região. No fim de tudo, jovens que passam 20 anos sentados quatro ou cinco horas por dia em bancos escolares terminam inaptos ao exercício das profissões que o mercado oferece; e os seus pais se vêem obrigados a recorrer aos tradicionais favores políticos para transformar suas crias em "barnabés" improdutivos, em burocratas mal pagos, frustrados e revoltados que daí para a frente vão apenas cuidar de infernizar a vida do povo.

No Rio Grande do Norte deve existir uma população economicamente ativa formada por algo em torno de 500 mil pessoas. Dessas, 250 mil moram e trabalham no meio rural, não conseguindo produzir sequer o suficiente para a própria subsistência. Das res-

tantes 250 mil pessoas, cerca de 130 mil são empregadas pelos governos federal, estadual e municipal. A máquina do governo do Estado (administração direta e indireta) é movida por quase 55 mil funcionários, enquanto o governo federal emprega mais umas 40 mil pessoas. Ficam ainda as 151 prefeituras municipais, paupérrimas, responsáveis pela contratação de outros 35 mil funcionários. Todo mundo sabe que geralmente o funcionário público não produz, ou produz muito pouco. A rigor, ele não gera riqueza; ele só consome. Um secretário de Estado, ou um diretor de empresa pública, ou um assessor especial, movidos a mordomia, produzem o que produz um executivo na empresa privada, trabalhando duro para assegurar sua posição num mercado de trabalho altamente competitivo?

O mal é que o sistema vai se mantendo em pé por obra e graça do paternalismo que acomoda a sociedade. Se alguém isoladamente lança um protesto contra o erro ou o desmando, o sistema cuida imediatamente de oferecer ao contestador uma vantagem consoladora, geralmente bem aceita. Se irrompe uma ameaça de protesto em massa contra a incompetência oficial, como no caso do Nordeste atingido pelo flagelo da seca, surge do alto a esmola indiscriminada, que desfibra, amolece os ânimos dos sofredores, e termina por acomodar a situação. E todos ainda levantam as mãos aos céus!

A sociedade brasileira não vai mudar enquanto aceitar passivamente esse tratamento que ela se auto-impõe. Se ela continuar se julgando impotente, menosprezando os princípios, entregando-se de corpo e alma às "facilidades" e aos "benefícios" inexplicados, jamais levantaremos a cabeça. E haja injustiça, corrupção, indiretas, FMI...

O campus de Macau

Lauro Bezerra

Em gozo de férias da UFRN, viajamos pelo interior até Macau, revendo e sofrendo diante do quadro dantesco da devastadora estiagem que castiga o Rio Grande do Norte. Mais triste ainda a falta de solução. O povo está cansado da paliativa emergência e da demagógica e incompetente ação do governo.

Em Macau, revendo a cidade e conversando com o seu povo, sentimos a frustração desesperada diante de uma promessa — a fábrica de barrilha. Seria um novo alento que deveria ter permitido ao sucessor do sucessor de Tarcísio Maia governar um Rio Grande do Norte rico.

Finalmente, visitamos o Campus da UFRN na capital do sal brasileiro.

Conversamos com a vice-Diretora Goretti, percorrendo as instalações do prédio. Ouvimos estudantes, professores e funcionários. Sentimos a opinião de pessoas da comunidade extra-universitária. Uma desolação! Um triste quadro de abandono cuja responsabilidade tem de recair na atual gestão do sr. Genivaldo Barros.

Falta até giz. A energia é insuficiente para mover algumas máquinas da sala de Tecnologia Mecânica. A escuridão é frequente na interrupção das aulas noturnas. Instalações físicas precaríssimas; rebocos caindo, pintura tricolor desbotada, vidros quebrados nas janelas e um rombo da mesa em que escrevemos, no telhado de uma das salas de aula.

Ao lado do prédio, funciona um improvisado campo de futebol. A platéia assiste o jogo em cima

do telhado e lá satisfazem suas necessidades fisiológicas os espectadores mais apressados. Também ajudam a devolver a pelota quando não perfura alguma telha.

Vamos parar por aqui. Não pretendemos comprometer ninguém com possíveis perseguições da parte dos poderosos que mandam na UFRN e no Reitor. Sabemos que os professores fizeram uma eleição democrática para Diretor do Campus. Resultado: o sr. Genivaldo Barros nomeiou quem teve menos votos. Não tendo pulso nem competência para administrar a UFRN, cedeu à imaturidade de um governante que indicara o seu candidato.

Não pretendemos mostrar erros no intuito de ferir ninguém! Seria uma atitude incoerente com os princípios que defendemos. Desejamos suprir a falta de vez e de voz de muitos que estão cansados de tantas irregularidades no Serviço Público. Queremos e lutamos para que a UFRN procure corrigir os descaminhos da atual gestão. Aproveitamos o ensejo para implorar ao sr. Reitor que visite o Campus de Macau, procurando sentir o pensamento de muita gente, deixando de lado possíveis áulicos, omissos ou tímidos que lá existam. Vá, veja, procure sentir e, retornando ao Campus Central, estude uma fórmula simples, de baixo custo e viável para tratar o problema de Macau.

Macau merece um melhor tratamento pois lá estão muitas esperanças de progresso para o ainda pobre e sofrido Rio Grande do Norte.

Pagando muito pouco você pode conhecer profundamente o Rio Grande do Norte

Peça a sua assinatura de DOIS PONTOS pelos telefones 231-1873 e 231-2903. E comece imediatamente a receber o semanário de informação geral que está revolucionando o jornalismo natalense.

Assinatura semestral
APENAS Cr\$ 5.000,00

CARTAS

Sr. Editor

Neste ano que se inicia vamos assinalar no curso de nossa vida o erguimento do sentimento de patriotismo de nós brasileiros para o nosso próprio benefício?

Pois bem, vamos às ruas delinear o nosso destino exigindo com o nosso espírito de luta e pacifismo o direito que pelo arbítrio nos foi tomado e que hoje temos condições de reavê-lo que são as eleições diretas para presidente, o direito de todos nós, o baluarte da democracia. Vamos comparecer, vibrar e lutar por este ideal nas praças públicas.

Luiz Medeiros Queiroz Filho
Pça. Deodoro, 74 — Tirol
Natal—RN

*

Senhor Redator:

Sou leitor assíduo de "Dois Pontos". Acho que Natal já precisava de um órgão dessa linha, aliás, capaz de conquistar espaço para um público leitor de bom nível intelectual. Os assuntos aí tratados são novos no noticiário jornalístico da província e o governo estadual está sendo criticado merecidamente, apontando-se com inteligência o seu lado vulnerável que é sobretudo a sua mediocridade administrativa e política. Meus parabens aos redatores de "Dois Pontos".

a) Luiz Queiroz — Conjunto
Ponta Negra — Natal.

DOIS PONTOS

Diretor Responsável
MARCOS AURÉLIO DE SÁ

Conselho Editorial
FERNANDO BEZERRA
CORTEZ PEREIRA
MÁRIO MOACIR PORTO

Editores
DODORA GUEDES
OSAIR VASCONCELOS

Reportagem
GRAÇA PINTO
LEÔNIA RÉGIA
REJANE CARDOSO
ROBERTO GUEDES
NORMA LÚCIA
Diagramação
BETE DUARTE
Fotografias
ROBERTO DUARTE
Fotolitos
FRANCISCO LOPES
Revisão
ROBERTO CANUTO

DOIS PONTOS — Semanário de propriedade da EDITORA DOIS PONTOS LTDA. — CGCMF
08.688.566/0001-60 — Redação e Oficinas: Rua Dr. José Gonçalves, 687 — Lagoa Nova — NATAL—RN — Telefones 231-1873 e — 231-2903.

Em busca do Governo, Carlos Alberto vai às bases e nega poder da cúpula

A disposição do Senador Carlos Alberto de Souza em navegar contra as correntes políticas que costumam ditar o jogo no Estado é antiga e comprovada por todos aqueles que costumam acompanhar a meteórica carreira política do senador pedessista. Agora, o grito de ordem do Senador é o anúncio de sua candidatura ao Governo do Estado no pleito que se realizará em 1986, o que está sendo considerado prematuro por alguns amigos e correligionários, mas que para o Senador está acontecendo em seu momento certo: "Acompanho o presidente do PMDB, Ulisses Guimarães, que nos Estados Unidos anunciou a sua candidatura à Presidência da República dizendo que, quem chega primeiro na cacimba é quem encontra a água mais limpa."

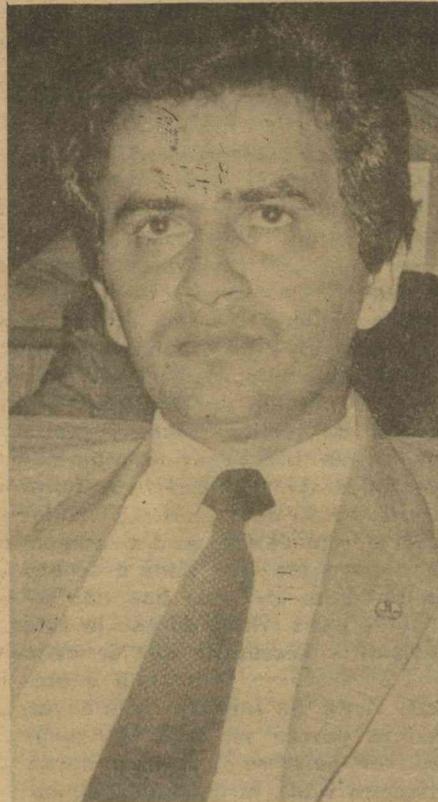
É pensando assim que o Senador Carlos Alberto começa, nesta semana, a sua peregrinação pelos municípios do interior do Estado à cata de votos junto às lideranças municipais que, certamente ainda não têm outros nomes para apoiar. A colocação da candidatura Carlos Alberto às bases do PDS, três anos antes do pleito quebra um ritual hierárquico que costuma ser tradição no partido situacionista, já que a indicação de um nome para substituir o governador em exercício tem sempre se nortado pelos conchavos

entre as oligarquias políticas que dominam o Estado. Carlos Alberto sabe disso e no momento afirma que este é o motivo maior que o impede a apressar o lançamento de sua candidatura, já que no jogo da disputa jamais seria o candidato do consenso pedessista que deverá surgir em 1986.

PROPAGANDA

Entretanto, apesar do ostensivo apoio que pretende obter junto às bases pedessistas, ainda não será dessa vez que o Senador distribuirá a sua propaganda política entre as lideranças. Explica ele que os impresos que vão ser espalhados pelo Estado com as insígnias políticas de sua candidatura não devem surgir agora, pois este jogo de "marketing" tem que ser executado no tempo certo, "para que minha propaganda não fique desatualizada".

O Senador nega estar mantendo contatos com o presidente do PDS local, Tarcísio Maia, e com o Governador Agripino Maia em torno de sua candidatura para o Governo do Estado. Diz ele que não tem motivos para recorrer a estas instâncias partidárias, tendo em vista a prioridade que dá para uma consul-



Carlos Alberto não pretende escutar os Maia agora

ta às bases do partido. Assim, garante, somente depois de conquistado estes espaços é que ele pretende colocar a sua candidatura para que

"democraticamente ela seja analisada pela direção do meu Partido".

SUCESSÃO

Em relação à sucessão presidencial, o Senador Carlos Alberto chegou de Brasília, onde passou o período natalino, afirmando abertamente o apoio que pretende emprestar ao deputado Paulo Maluf, assumindo pela primeira vez seu empenho em torno da candidatura do "presidenciável" mais mal visto pelo Planalto.

A decisão de afirmar em público sua preferência pelo nome de Paulo Salim Maluf somente aconteceu após o discurso do Presidente Figueiredo, na semana que passou, quando o Presidente devolveu ao PDS a coordenação de sua sucessão.

A contradição de Carlos Alberto, quando se diz a favor de qualquer disputa eleitoral ("sou um homem de votos") e o seu decidido apoio à candidatura do deputado Paulo Maluf, que concorre pela via indireta, é explicada pelo Senador através de um discurso legalista de endosso à atual Constituição Brasileira. Para ele as eleições diretas não têm condições de serem viabilizadas neste momento atual, em que as eleições indiretas já estão definidas.

Dom Costa aguarda definição da sucessão de Dom Hélder

Apontado como um dos candidatos à sucessão do Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara, o Bispo-Auxiliar de Natal, Dom Antônio Costa, não aceita deflagrar o processo sucessório agora e, diz que a "especulação" em torno de nomes está sendo encaminhada apenas pela imprensa, já que a Cúria não discute o assunto até a aposentadoria de Dom Helder Câmara, o que somente acontecerá no próximo dia 7 de fevereiro, quando o Arcebispo completará 75 anos.

O que mais credencia Dom Antônio Costa para suceder Dom Hélder é o cargo que ocupa na Comissão Episcopal do Nordeste II. Ele foi eleito seu presidente no ano passado, tornando-se, então, um dos religiosos mais credenciados da região para substituir Dom Hélder Câmara. Entretanto, Dom Antônio Costa não admite a candidatura, mesmo que seu nome seja o mais discutido entre as cúrias do Nordeste.

O sistema de escolha é através de uma lista triplíce preparada pelo núncio apostólico do Brasil, Dom Carlos Furno, que depois de escutar os religiosos da região envia os nomes para Roma para serem examinados pelo papa João Paulo II, o mesmo que, pessoalmente, fará a



Dom Costa acha que existe muita "especulação"

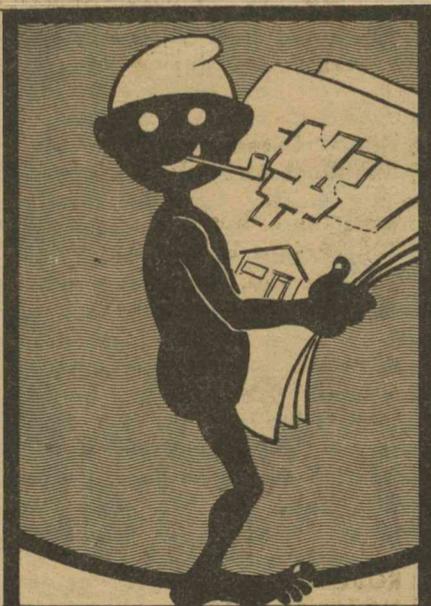
escolha do nome que virá a ocupar o cargo vacante.

DOM NIVALDO

E sobre o nome que deverá suceder Dom Nivaldo Monte na direção da Arquidiocese de Natal, Dom Costa é mais reticente ainda, já que o processo de sucessão, garante, somente deverá ser desencadeado em 1994, ou seja daqui há 10 anos, pois Dom Nivaldo Monte somente atingirá a data de sua aposentadoria nesta época.

Enquanto nada se define, Dom Costa continua atuando na Arqui-

diocese local e na sua mensagem de ano novo para os cristãos metropolitanos voltou a falar sobre política e justiça social. Nesta mensagem, destacou que "gostaria muito que no país se atacasse os problemas de fundo, substanciais, e que se deixasse de lado os problemas superficiais. O povo está cansado de ser marginalizado, de não ter vez, nem de não ter voz". Ele também posicionou-se favorável à realização das eleições diretas para a presidência da República, por entender que este é o anseio da totalidade da população brasileira.



MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

É na SACI que você encontra as melhores marcas, as linhas mais modernas, os preços e os planos de pagamento mais convidativos.

R. GURGEL LTDA.

SACI

MATRIZ - TEL: PABX 223-3626
Av. Pres. Bandeira, 828 - Alecrim
FILIAL - TELS.: 222-2284 - 222-3367
Av. Rio Branco, 304/10 - NATAL - RN

Ponto a Ponto

DODORA GUEDES

Anuncia-se para o próximo dia 18 uma nova visita ao Estado do Ministro do Interior, Mário Andreazza, que mais uma vez, a título de ver como anda a seca e seus efeitos, virá contactar os delegados locais à convenção nacional que escolherá o candidato do PDS à sucessão do Presidente João Figueiredo. Aliás, o anúncio da visita do Ministro chega ao mesmo tempo que notícias que falam de seu enfraquecimento no cenário nacional. Um enfraquecimento que teria como consequência mais imediata a redução ainda maior das verbas que ele vem destinando à região Nordeste, principalmente diante de seu empenho de atender à região para garantir os votos de seus convencionais. Isto, na verdade, não faz muita diferença, pois o Ministro tem vindo quase sempre aqui para anunciar a liberação de recursos que parecem se perder nos caminhos entre Brasília e Natal, deixando a população muito mais a viver de promessas do que de qualquer outra coisa. Os políticos locais, por

diversas vezes, já levantaram suas vozes para protestar contra o vazio das visitas do Ministro do Interior.

O que lamentavelmente não é compartilhado pela cúpula governista. Talvez seja a hora dos integrantes dessa cúpula cobrarem medidas mais efetivas do Ministro "presidenciável". É certo que já está decretada emergência em todos os municípios do Estado, à exceção da capital. Mas isto, certamente, não basta. O número de inscrições nas frentes de serviço ainda é muito restrito, não atendendo às reais necessidades da população. A bolsa paga a título de salário é de valor irrisório, não dando para o homem do campo matar sua fome e de sua família. Para que este ano não seja ainda mais crítico do que já está previsto, é necessário que se exija mais do Governo Federal. E a próxima visita do Ministro Mário Andreazza parece ser uma boa oportunidade, salvo se os políticos locais estiverem mais interessados na sucessão presidencial.

CAMPANHA

O PMDB/RN deverá desencadear nos próximos dias uma campanha pró eleições diretas para as capitais, numa mobilização conjunta com a campanha pró-diretas para a Presidência da República.

PRÉVIA

O Senador Carlos Alberto está defendendo agora a realização de uma prévia eleitoral entre os candidatos a candidato a Presidente da República no PDS. Segundo ele, isso levaria o partido situacionista a atingir o consenso, hoje uma coisa considerada bem difícil.

CANDIDATURA

Pessoas ligadas ao empresário Ismael Wanderley garantem que ele se lançará candidato a Deputado Federal nas próximas eleições pelo PDS, apesar de ser genro do ex-Governador Aluizio Alves e de ter tentado fundar o PDT no Rio Grande do Norte. Este teria sido um dos pontos da conversa mantida entre Ismael e o Senador Carlos Alberto pouco antes do ano novo.

INAUGURAÇÃO

Uma grande festa reuniu no final de semana passada, em Mossoró, vários políticos do PMDB, que ali foram participar da inauguração dos novos transmissores da Rádio Difusora. Intensificar a ação do partido oposicionista na região Oeste é a principal meta dos Deputados que financiaram os novos transmissores.

REIVINDICAÇÃO

O Sindicato dos Médicos do Es-

tado inicia o ano prometendo bastante movimentação na luta por melhores salários. O principal alvo da categoria é o Governo do Estado, que ao longo dos anos vem pagando salários irrisórios aos médicos de seus quadros.

ATRASSO

A Sudepe há cinco meses não paga os salários de seus fiscais. Deixou de pagar, também, o 13.º salário. Sem estímulo para o trabalho, os fiscais estão deixando a pesca correr solta no litoral Norte-riograndense.

DECRETO

Caso entre em vigor o decreto do Presidente Figueiredo que prevê a cassação dos Prefeitos municipais que vierem a atrasar os salários dos membros das Câmaras de Vereadores, no Rio Grande do Norte, onde os pequenos municípios estão sobrevivendo à duras penas, o resultado poderá ser catastrófico.

RENÚNCIA

Circulam informações de que o suplente de Senador Moacyr Duarte, insatisfeito por não mais ter tido chance de assumir a vaga de seu sogro, Dinarte Mariz, a este dirigiu uma carta renunciando à suplência. Uma carta, aliás, que Dinarte teria ignorado, deixando tudo continuar na mesma.

CÂMARA

A exemplo da Assembléia, na Câmara Municipal já começa a movimentação em torno da sucessão do presidente da Casa. Por enquanto, muita articulação e nenhum nome com maiores chances.

Casa de Agripino é alvo de tiros e polícia investiga

O buraco no rebôco do muro branco, provocado por bala, e o projétil que a Polícia retirou de lá, para os exames do Instituto Técnico-Científico de Polícia (Itep), são as únicas evidências que conseguiram ultrapassar o filtro que a Secretaria de Segurança impôs ao assunto. Nem mesmo os repórteres policiais, normalmente familiarizados com ocorrências envolvendo agentes da segurança pública foram informados a respeito. Mas dentro de uma semana, prazo que o comandante da Polícia Militar, coronel Waldomiro Fernandes Costa, se concedeu para elucidar o caso, será possível saber-se quem atirou contra a residência oficial do governador José Agripino, na madrugada de 1.º do corrente.

Segundo o chefe da Casa Militar do Governo do Estado, coronel Simar Lasfir Soares, a quem se subordina a segurança da Residência Oficial, situada à avenida Hermes da Fonseca, 1009, em Tirol, o disparo foi feito contra um soldado que estava na calçada defronte ao imóvel. Partiu de um automóvel, cujas características a polícia mantém sob sigilo. O veículo trafegava na Hermes da Fonseca no sentido cidade-zona Sul e passou devagar diante da residência de José Agripino. A versão que os órgãos de segurança admitem é a de que o tiro foi desfechado por um motorista que momentos antes havia discutido com agentes da guarda da casa do Governador.

DISCUSSÃO NO PORTÃO

Trata-se-ia, segundo esta versão, do condutor de um veículo que foi estacionado defronte ao portão lateral da casa de José Agripino, que faz esquina com uma rua estreita da antiga Vila do Ipase, e foi obrigado pelos policiais a retirá-lo dali, primeiro por necessitar desobstruir a entrada da residência governamental, e segundo porque a qualquer momento José Agripino retornaria da casa do ex-deputado José Bezerra de Araújo, pai do secretário da Fazenda, Haroldo Bezerra, onde passara o "reveillon". O motorista chiou e teve que ser levado à presença do chefe da guarnição, que o convenceu da necessidade de estacionar seu carro noutro lugar se quisesse realmente, como alegava, passar o reveillon nos salões da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), clube sediado a poucos metros da residência oficial, na Hermes da Fonseca.

De acordo com o coronel Simar,

o motorista aceitou a argumentação do cabo, disse-lhe que só sairia por que o comandante da guarda tinha sido "muito educado" e afastou-se do local, para aparecer pouco tempo depois na outra faixa de rolamento da Hermes da Fonseca. O soldado viu ou presentiu quando o revólver estava sendo preparado para o disparo e só conseguiu deitar-se sobre a calçada, sem ao menos contra-atacar. A sindicância que o coronel Waldomiro está conduzindo pessoalmente tem mantido sob sete capas os nomes dos policiais envolvidos, a placa, a marca e a cor do automóvel, mas os computadores que servem ao Departamento Estadual de Trânsito (Detran) têm condições de localizar muito rapidamente o veículo.

ATENTADO, NÃO

Ninguém, na esfera policial, aceita falar noutra versão. O Rio Grande do Norte não se recorda de nenhum atentado à vida de um seu Governador, pelo menos nos últimos anos, e a Secretaria de Segurança desconhece qualquer episódio em que o comportamento do governador José Agripino acirrasse algum ódio ou ressentimento capaz de gerar uma tentativa contra sua vida.

Até mesmo em relação ao clima criado pelo assassinato do prefeito de Angicos, Expedito Alves, irmão do ex-governador Aluizio Alves, em setembro do ano passado — quando, segundo a família da vítima o governante teria pelo menos sido omisso ao não atender o pedido de garantias de vida feito telefonicamente pelo Prefeito —, a polícia não vê origem para uma agressão a José Agripino.

Simar não leva em consideração nem mesmo pronunciamento feito meses atrás pelo suplente de deputado federal François Silvestre, do PMDB. Na época, o coronel anunciou o redobramento das medidas ordinariamente adotadas para garantir a vida do Governador, porque José Agripino teria sido "jurado" por François, mas este veio a público em seguida dizer que não tinha a intenção de ameaçar ninguém, e sim procurar resguardar a integridade física de sua família. Segundo François, é que estaria ameaçada, em decorrência de uma "vendetta" com a do dep. estadual Getúlio Rego, do PDS. Essa briga entre as famílias, já responsável por algumas mortes nos dois lados, arrasta-se há vários anos. ROBERTO GUEDES



Boas marcas não significam preços altos.

A BLUSA DA MOÇA traz para você as blusas da Evelyn, Anonimato, T-Shirt, Kuxixo, Madoca e Egos-Rio pelos melhores preços de Natal.

CONVÊNIO COM A AFURN

Rua Fontes Galvão, 712 — Loja 1 — Esquina com a Rua Jundiá

Políticos e multinacionais investem no vale do Açu

Terras que deveriam ter finalidade social vão para os grandes grupos

Confirmando denúncias antigas feitas pela Igreja e por líderes sindicais da região do Açu, começa a ser detectada a transferência maciça das terras próximas à Barragem Armando Ribeiro Gonçalves para as mãos de grandes grupos econômicos nacionais e multinacionais, e até mesmo para políticos proeminentes no Estado, interessados em fazer bons investimentos. Assim, grandes áreas de terras que — tendo em vista os vultosos recursos aplicados pelo governo federal na região — deveriam estar destinadas a programas com finalidade social capazes de beneficiar o maior número possível de pessoas, passam a se concentrar nas mãos de poucos.

Entre os particulares que têm realizado investimentos na compra de terras no baixo Açu está o ex-governador Tarcísio Maia. E agora o também ex-governador Lavoisier Maia está à procura de uma área em torno de 500 hectares nas imediações da grande barragem construída pelo DNOCS, designando para tanto alguns corretores com a missão de localizar terras à venda.

COMO MULTINACIONAIS

Tarcísio e Lavoisier estão procurando penetrar na região do Baixo Açu da mesma forma que as multinacionais denunciadas meses atrás pelo deputado estadual Nelson Queiroz. A despeito de ser filiado ao PDS e considerar-se liderado do governador José Agripino, filho de Tarcísio e primo de Lavoisier, Nelson não mediu palavras ao denunciar essa invasão do território por grandes conglomerados, ao programa "Globo Rural", da TV Globo.

Nelson, então, praticamente reeditou o arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara, que me-

ses antes havia dito que programas de irrigação, no Nordeste, normalmente obedeciam a um ciclo: quando o órgão público encarregado de construir o reservatório elabora seus projetos iniciais, promove-se uma desaceleração da economia local e uma desvalorização das terras em torno; em seguida, promove-se artificialmente um grande êxodo rural, que no caso baixo Açu foi de quarenta mil famílias, de acordo com o Partido dos Trabalhadores e alguns setores religiosos; em seguida à conclusão da construção da barragem, descobre-se que as terras irrigáveis não estão divididas em lotes de dez hectares destinados aos trabalhadores rurais que até então não possuíam terra, mas sim nas mãos de grandes grupos empresariais, principalmente multinacionais.

A menção à multinacional, no caso baixo Açu, decorre de duas presenças. Primeiramente, ainda quando o DNOCS se armava para agredir os moradores do vale com a obtusidade que apresentou ao iniciar a construção da barragem sem ouvir ninguém, descobriu-se junto ao próprio departamento que por trás de todo aquele empenho havia também o interesse de uma multinacional de origem norte-americana de transformar o vale numa nova grande plantação de frutas para exportação. Sentindo-se ameaçada de expulsão de um ou dois países da América Central até então batizados pejorativamente como "repúblicas de bananas", a empresa vislumbrou no baixo Açu uma saída: cultivar na região o que não mais plantaria na América Central. Para isto, segundo inconfidências pescadas no próprio DNOCS e mesmo de acordo com correspondências vistas por jornalistas, a empresa ofereceu-se simplesmente para financiar todo o projeto.

A segunda presença é da Algo-

doeira São Miguel, uma empresa que a despeito de sua origem britânica e do canibalismo exibido em seu episódio com o coronel Delmiro Gouveia — misteriosamente assassinado, no início do século, quando travava uma guerra comercial contra esse grupo — tem assumido, pelo menos no Rio Grande do Norte, até mesmo funções inerentes ao poder público. Seria o caso do controle de sementes selecionadas, o empréstimo agrícola e a difusão de técnicas de cultivo.

Tudo isto, obviamente, tem sido feito em função dos interesses da Machine Cotton, a holding do grupo, sediada na Europa, mas de todo modo a São Miguel deixa mais saldo no Estado do que as concorrentes também estrangeiras, como a Sanbra e Anderson Clayton, que sempre se mostraram incapazes de qualquer retorno.

TARCÍSIO "NO FILE" DO VALE

Multinacionais à parte, a denúncia de Dom Helder e de Nelson Queiroz atingiu também capitalistas brasileiros que se interpõem, agora que a barragem está construída, entre a água a ser oferecida para irrigação e os primeiros irrigantes identificados pelos estudos do DNOCS, se é que realmente foram realizados estudos de interesses sociais. Seria o caso de Tarcísio, que adquiriu 460 hectares antes pertencentes ao falecido industrial Paulo Fernandes. O governador José Agripino disse, em setembro último, que Tarcísio não seria beneficiado pela irrigação se as terras que tinha adquirido então recentemente se situassem no perímetro a ser irrigado.

"Está no filé", diz um experimen-

tado açuense. Também é "no filé" do vale que Lavoisier espera adquirir sua fazenda.

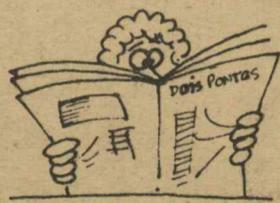
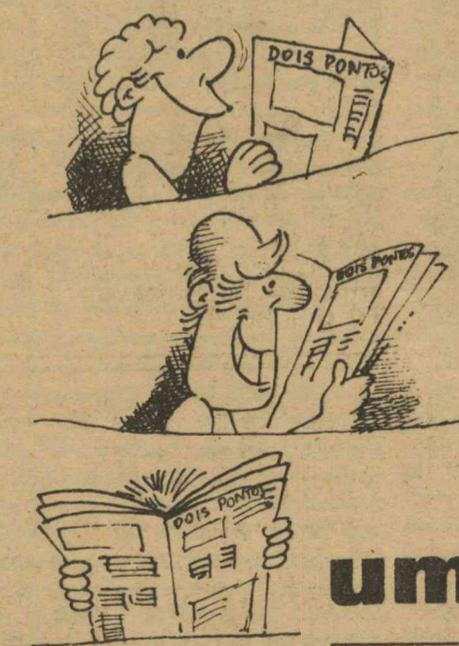
Pelas informações que circulavam no início da semana entre corretores de imóveis de algum modo enfiados com o interesse de Lavoisier, ele quer uma área dentro do perímetro irrigável pois todo o trabalho a ser feito nela se espelharia no exemplo da Algodoeira São Miguel. Essa empresa, que até cinco anos atrás nunca tinha trabalhado no baixo Açu, conseguiu colher até três toneladas de algodão por hectare irrigado, enquanto no restante do Estado a produção média é de no máximo trezentos quilos/hectare. Os duzentos hectares que ela irrigou experimentalmente, mediante arrendamento, pertenciam ao bancário Lúcio Pinto Medeiros e foram agora vendidas ao engenheiro-agrônomo Norte-americano David Knoll por cerca de setenta milhões de cruzeiros.

PROCURA-SE

Um Cachorro Doberman preto, grande, com uma cicatriz no traseiro. Quem encontrar favor ligar para Natal Veículos, fone 231-1226. Procurar Cavalcanti que será bem recompensado.

TERRENO

Vendo facilitado 7 lotes de terrenos prontos para construir, localizados dentro do Conjunto Pirangi, zona Sul da cidade, dispondo de água, luz, telefone, ônibus e calçamento até as proximidades. Cada lote mede 15 x 30m, ao preço de Cr\$ 1.100.000,00. — Tratar com BRENO, tel. 231-1873.



Cada vez que você
fica sem ler
DOIS PONTOS,
você deixa de saber
uma porção de verdades

A maneira mais racional de ler DOIS PONTOS, é fazendo uma assinatura semestral por apenas Cr\$ 5.000,00. Pedidos pelo telefone 231-1873.

Regime cubano impressiona Antonio Câmara por justiça

— Deparei-me com uma pergunta que me martela desde então: é melhor a liberdade que pensamos ter, aqui, sem direito a uma série de benefícios e vendo nosso povo passar fome, fome mesmo, durante cinco anos de seca, ou termos uma liberdade menor, como o povo de lá, mas compensada por uma qualidade de vida melhor do que a dos nossos pobres.

A indagação é uma das mais fortes lembranças que o deputado federal Antônio Câmara, do PMDB, trouxe para o Brasil da viagem de alguns dias que fez a Cuba, como parte de um roteiro que também o levou ao México, em missão do Congresso Nacional, uma viagem em que integrou um grupo de doze membros da Câmara e três senadores — inclusive o Norte-rio-grandense José de Souza ("Zezito") Martins Filho, do PDS.

Segundo o deputado, a missão atendeu a convite da Organização das Nações Unidas (ONU) e teve como principal objetivo a realização de estudos sobre população e desenvolvimento. "Queriam que nós, brasileiros, conhecêssemos dois programas de planificação familiar desenvolvidos em países de regimes políticos diferentes, um capitalista e outro socialista". Em Cuba o que lhe chamou primeiro atenção foi a identidade comum a todos os pontos da ilha e seus habitantes, a cana-de-açúcar, o grande suporte econômico do país e também, pelos males acretados pela monocultura, um grande fator de limitação.

— Em termos políticos, para mim, foi uma experiência nova: nascido e criado no sistema capitalista, este foi meu primeiro contato com o socialismo — diz o Deputado.

— Em termos econômicos e sociais pareceu-me uma sociedade mais justa, onde pelo menos as necessidades básicas o Estado é obrigado a assegurar ao cidadão. No campo da educação, o índice de analfabetismo talvez não chegue a 1% da população; quanto à saúde, a assistência é total ao cidadão, quer ele tenha trabalho ou não; em relação aos esportes, o mundo já viu, através das olimpíadas e jogos panamericanos o que é o esporte amador em Cuba. Por fim, eles estão dando os primeiros passos, e evitando distorções encontradas nos sistemas adotados pelos outros países.

Lá, o comprador paga pela casa só 6% do salário mínimo, até o final do contrato, sem correção.

Pouco importa que o salário desse trabalhador suba. Em contrapartida, o imóvel tem uma função social: o trabalhador não é "dono" desse imóvel. A casa é do Estado; e trabalhador tem a posse, podendo até transferir a casa para os filhos, em

caso de morte, mas a propriedade, em si, é do Estado.

COM FIDEL

Antônio Câmara narrou a visita que os parlamentares brasileiros fizeram à Assembléia Nacional do Povo, o congresso cubano, sendo recebidos pelo presidente do parlamento, Flávio Barros. Receberam a visita de Fidel Castro, o chefe de Governo, que conversou com eles por duas horas e cinquenta minutos, uma conversa que Toinho achou "franca e informal", em meio à qual ocorreu o único episódio relativo à segurança em toda a permanência do grupo brasileiro em Havana: um jornalista brasileiro que acompanhava os parlamentares, ao deparar-se com a inesperada oportunidade de gravar alguma coisa desse encontro, correu até o veículo que o transportara e voltou ao prédio trazendo um gravador e máquina fotográfica, que os agentes da segurança pessoal do chefe de Estado procuraram tomar. Mas o repórter reclamou a Fidel e recebeu de volta seus pertences, com um pedido pessoal de desculpas.

— Fidel impressiona, e muito. Pelo carisma, mas principalmente pelo preparo e a familiaridade que mostra em relação aos problemas da América Latina e do mundo —, disse o Deputado. — Não escondeu as dificuldades que Cuba enfrenta, em decorrência da dependência da monocultura canavieira e principalmente do bloqueio econômico a que é submetida desde 1961 pelos Estados Unidos, o que a transformou de algum modo em dependente da União Soviética.

REATAMENTO COM O BRASIL

Dessa audiência e das conversas mantidas na Assembléia Nacional do Povo e no Comitê Central do Partido Comunista Cubano, Antônio Câmara trouxe a certeza de que os dirigentes do país gostariam muito de reatarm as relações com o Brasil. O Brasil, alegam, já mantém relações diplomáticas e comerciais com outros países socialistas, por que não fazer o mesmo com Cuba?

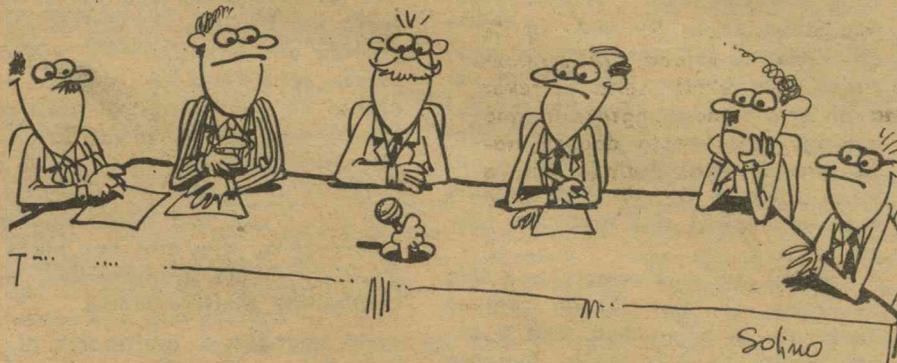
— Sentimos muita simpatia do povo e autoridades cubanas pelo Brasil. Eles elogiam a política externa brasileira, pela autodeterminação dos povos, relacionada ao "Grupo de Contadora", o movimento de vários países tentando buscar uma solução sem traumas para a instabilidade política na América Central, o que muito os preocupa.

Os cubanos têm afinidades com os brasileiros, as músicas que mais ouvi lá foram de Roberto Carlos e Nelson Ned, que fazem um grande sucesso entre os cubanos. Eles nos fizeram crer que ficariam mesmo muito satisfeitos se houvesse esse reatamento.

POLÍTICA

Historias e Estórias

TICIANO DUARTE



Cotidiano

Exedito Silva, reporter político da "Tribuna do Norte", na década de 1950, foi uma das maiores figuras do jornalismo provinciano. Inteligente, corajoso, boêmio, autodidata, amava a notícia e durante vinte e quatro horas vivia a feitura do jornal. Semanas e semanas dormia por cima dos rolos de papeis na redação da TN, para logo cedo iniciar o seu itinerário sagrado e apaixonante em busca do "furo", numa época tão pobre de acontecimentos que merecessem chamada de primeira página. Mas, Exedito não cansava nesse dia-a-dia que o tornou conhecido e temido pelos políticos e governantes.

Nos primeiros meses de 1950, a Tribuna do Norte começava a circular fazendo oposição ao governo Silvío Pedroza, que assumira como vice governador, com o desaparecimento trágico do governador Dix-sept Rosado. A executiva do PSD reunia-se, no Grande Hotel, mas, quando se tratava de assunto muito sigiloso, o comando pessedista para fugir da imprensa e dos olheiros da UDN, transferia o encontro para a residência do deputado José Arnaud, na Hermes da Fonsêca, antiga casa do seu sogro, o ex-senador João Câmara.

Certa feita, a executiva do PSD tinha assunto importante para discutir e decidir. Exedito sabia dessa reunião misteriosa da cúpula do partido que estava no poder em nossa terra. Era preciso noticiar como furo sensacional a intimidade dessa reunião fechada e importantíssima. Mas, como fazê-lo? Exedito pôs um plano louco e audacioso para ser executado. Entraria sorrateiramente na residência do deputado José Arnaud, antes das 20 horas e como sabia que os políticos do PSD se reuniam numa mesa comprida, coberta por uma longa toalha, pla-

nejou esconder-se por debaixo da mesa, encoberto pela famosa toalha das reuniões da residência do deputado José Arnaud. E assim foi feito. O PSD reunido e Exedito embaixo da mesa fazendo sua reportagem. No dia seguinte a Tribuna do Norte publicava matéria imensa dando conta dos detalhes da famosa reunião e da decisão da cúpula pessedista. Foi um Deus nos acuda. O senador Georgino Avelino chegou a pedir outra reunião secreta para descobrir quem era o traidor que passara informações tão completas para o jornal oposicionista.

— * —
Outra genial de Exedito e folclórica, ocorreu no município de Lajes, na eleição de Dinarte Mariz ao governo do Estado, na década de 1950. Comício da UDN, naquele município. Exedito fazia a cobertura jornalística e na falta de orador ocupava a tribuna popular. Mas, era orador desafortado e impiedoso, não poupando o governo, nem a pessoa do governador Silvío Pedroza. Djalma Maranhão fazia questão que Exedito desse o seu recado valente e tinha programado para o jornalista falar naquele município.

Olimpio Procópio um dos chefes político de Lajes pedira a Djalma para Exedito não se exagerar nos ataques ao dr. Silvío que era seu amigo pessoal. Djalma Maranhão esquecera de advertir Exedito e o jornalista começou violento em cima do governador Silvío Pedroza. Olimpio impaciente passou a puxar no seu paletó sem resultado e só teve uma alternativa: postou-se em frente ao orador e dramaticamente pediu — "Tá bom Exedito, pare pelo amor de Deus. Foi um desastre, porque o comício acabou com risadas e decepções dos que desejavam ouvir a pregação oposicionista da UDN.

SEXTA-FEIRA

Rejane Cardoso

Nesta primeira Sexta Feira do ano, quero citar Rubem Braga quando diz: "Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta, quando lesse a minha história no jornal, risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse — "ai meu Deus, que história mais engraçada".

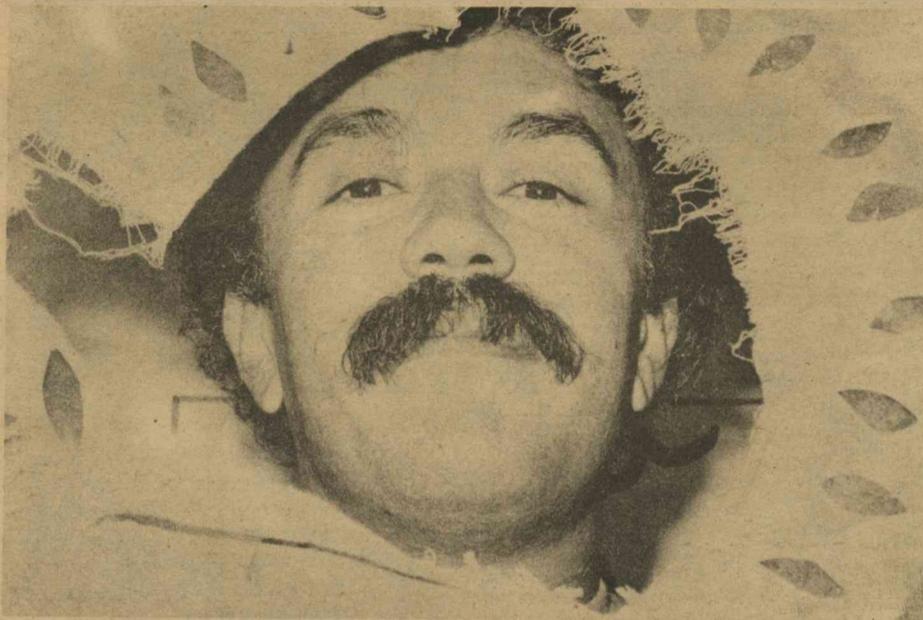
E por aí a história ia se espalhando por toda parte: um casal bastante mal-humorado fosse atingido pela história: o marido leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, também risse muito, e os dois juntos acabassem lembrando os tempos de namoro e reencontrassem a alegria perdida.

Que nas cadeias, hospitais, salas de espera, a história chegasse fascinante e cheia de graça, irresistível, colorida. Que o comissário do distrito, depois de ler a história mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse: — "por favor, se comportem, que diabo! eu não gosto de prender ninguém"! E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

Como na história de Rubem Braga eu gostaria de encontrar pessoas bem humoradas como aquelas figuras chaplinianas dançando na chuva, no toró da Bandagália. Aquela vontade de reinar com as pessoas queridas, que bebiam no gargalo da garrafa e achavam tudo muito bonito, como num filme de Fellini.



Diva Cunha, a professorinha galante, eterna musa da Gália



Olinto Rocha, o muso gaulês de todas as estações

E por aquelas pessoas que não pagaram bem o espírito da coisa, dizer que no céu não tem bolas brancas nem bolas pretas, convites pessoais e intransferíveis e que os anjos não têm sexo e nem usam black-tie.

Que o ar do ano novo supere a

depressão que se abate sobre nós todos, e nos deixe respirar depois do sufoco. Otimismo é a prova dos nove.

Nem tudo são flores: no apagar de 83 tivemos a notícia do falecimento de Expedito, músico/boêmio,

VAI/VEM

A arquiteta Norma Regina Hagen, da UFRN, ganhou bolsa da CAPES e está seguindo para fazer mestrado no Rio Grande do Sul. // O aniversário de Deize de Bruno foi comemorado com um jantar maravilhoso de 60 talheres na sua casa em Morro Branco. Um agradável convescote. // Quem passou uns dias na nossa casa da Redinha foi o Jards Macalé. Infelizmente a Banda nos deixou sem condições de lhe fazer uma visitinha. // Soube que no Café São Luiz estão fazendo uma lista dos equívocos da cidade. É aquela coísa: prá quem está de fora é muito engraçado. // Ari Quintela seguiu no 1.º de janeiro para passar dois meses em São Paulo. Sua Diva em breve vai atrás. // Um sarro a entrevista de Gil na Playboy. E a de Nunes Pereira no Pasquim? Tem uma definição de mulher que é um horror. Isso é porque ele está com 90 anos! Como diz o meu amigo: eu achei forte. // O meu cronista particular Vicente Serejo vai publicar suas Cartas da Redinha, com iluminuras de Dorian Gray, na Editora de Pedro Simões. A próxima meta será "O Dia-a-Dia da Criação", com crônicas publicadas e inéditas. // Vez por outra o Jaguar está publicando cartas de Gibson Antunes no Pasquim. //

Uma amiga nossa passou o Reveillon só, ouvindo os apitos dos guardas noturnos. Bem que nós chamamos prá cair na gandaia. Mas desejamos mesmo que ela passe o próximo como ela mais estiver a fim. // Só porque tinha um cara dando show de exibicionismo na Banda, multiplicaram por dez. E prá que foram olhar? Só fazem isso porque encontram platéia. Em tempo: eu nem vi... // Você já viu a Galeria Grafitti? Está linda a exposição, muito bem sacada. // Você já experimentou os salgadinhos do Sabor e Arte? Delícia, sem comercial. Fica na Maxaranguapé.

/// Você já foi ao Penúltimo Bar? Então vá. Fica na Getúlio Vargas, antigo 477. Um lugar muito gostoso para se paquerar ou conversar com os amigos. É lanchonete também. // Você já viu a juventude dourada patinar? Ah, você é um deles? Desculpe, mas prá quem não sabe o Aero Clube tem toda uma estrutura de patinação, com um som pauleira, aos domingos, à tarde para a garotada e à noite para o cocotaria. // Você sabia que Betuca e Sônia vão casar? Será no fim de janeiro, é ver para crer. // De resto é repetir uma frase vista no Festival do Forte: "Punk que é punk não reparte o cabelo: racha a testa".

figura muito estimada na cidade. Muitos foram dar adeus.

Lances de assaltos e roubos: Racine Santos e Sônia foram assaltados à mão armada; e na casa dos nossos vizinhos Jânio e Ana Silvia fizeram uma verdadeira limpeza na ausência do vigia. Estamos esperando o posto policial PM-Box, que já vem a caminho.

Quem se instalou para passar uma temporada na terra foi Terezinha de Jesus. Meninos vocês se preparem porque na próxima sexta ela vai estreiar no Alberto Maranhão, fazendo o lançamento nacional do seu disco "Fragil Força" (dias 13, 14, 15 às 21,30h). O carro chefe é um frevão de Moraes Moreira e Waly Salomão — "Odalisca em Flor" — não confundir com Odaíres, sua mana.

Terezinha passou o Reveillon na granja de Getúlio Madruga, em Extremoz — que dizem que foi ótimo. Ao amanhecer rumou prá Bandagália, como havia de ser.

Terezinha, que está no Rio há onze anos, vai passar uns dois meses por aqui, indo a Fortaleza, Recife, João Pessoa, Campina Grande, Mossoró. Nesses dias ela vai pintar também no Fantástico, Chacrinha, coisa e tal. Por fim vai ao sul, norte e Planalto Central desses brasis. Mas prá forte do que prá frágil.

Em fevereiro, meus caros loucos, preparem-se mais ainda por que vem aí Asdrúbal trouxe o Trombone, nos dias 14 e 15, com a "Farra da Terra". A frente do grupo a piradíssima Regina Casé.

Transações com vídeo, TV em circuito fechado, prá espantar os morcegos do Teatro Alberto Maranhão.

Por sinal não vi o Rei da Vela, até hoje lamento, soube que foi ótima, com o grupo Farpa de tão Travoso Gume. Não é possível que fiquem só com uma apresentação, até porque foi casa cheia.

De 13 a 15 de janeiro vai haver um Encontro do Movimento Homossexual Brasileiro, na Bahia, para avaliação e reorganização do movimento a nível nacional. Os participantes de qualquer Estado poderão se inscrever no local, na sexta-feira: será na Associação dos Funcionários Públicos do Estado da Bahia — Rua Carlos Gomes — Centro.

POUPENA POUAPANÇA

APERU

A "conciliação" e o caráter nacional

Maurilton Luís dos S. Morais

Novamente vou misturar ciência política com psicologia social. Vou tentar discorrer sobre a tese da conciliação política, tal como vê Michel Debrun, e conciliação sócio-cultural — ou jeitinho brasileiro — conforme os estudos de psicologia social. Será que existe mesmo em psicologia social o caráter nacional? Serão verdadeiras as opiniões de Cassiano Ricardo e Gilberto Freyre sobre a "índole boa do brasileiro"? E a malandragem de trocar o certo pelo errado tão decantada por Roberto da Matta?

Primeiro vou dizer o que entendo de Michel Debrun, um cientista político que escreve para Isto É, Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil e outros, sobre esta história de "conciliação" nacional. A rigor, "conciliação" só existe quando duas correntes, ou mais, resolvem dividir os haveres e deveres em igualdade de condições. Na história do Brasil tem havido muito mais sacanagem do que "conciliação". Ao tempo da monarquia a elite, um clube fechado, alternava-se no poder ao sabor de um jogo liberal. No início da república (nos primeiros trinta anos) quando houve proliferação dos movimentos operários anarcosindicalistas e social-trabalhistas aconteceram algumas tentativas de "conciliação". O mais forte sempre acomodava o mais fraco rebelde de acordo com suas conveniências.

Dar alguns postos ou vantagens, ceder algumas leis, permitir moderados avanços aos mais fracos que se estão fortalecendo é uma tática antiga. Na Revolução Praieira, na política dos governadores de Campos Salles, no acordo entre os tra-



Margareth Mead (à esquerda) estudou as "características nacionais"

balhistas e Hermes da Fonseca, nas "anistias de Vargas", no acordo recente com o PTB, na mão estendida de Figueiredo, etc., houve sempre um jeitinho de sedar a inquietude nacional. Quando falham os métodos frios, surgem os quentes: Estado Novo, Revolução de 64, Atos Institucionais, etc. Se o dominado não aceitar a "conciliação" do dominador, então tome pau.

Moral da história: "conciliação"

é a fórmula mágica encontrada pela classe dominante de fazer a classe dominada pensar que está ganhando espaço. Ou a maneira cínica de acomodar os dominantes segregados do poder dentro da hegemonia do referido poder. A questão complicada é saber se nesse Arquétipo (o termo é de Michel Debrun) político recente — "A Conciliação" — está implícito o "espírito do brasileiro", o famoso jeitinho carna-

lesco deste povo lúcido.

Os psicólogos sociais juntamente com os antropólogos nutrem uma simpatia desde há muito para enquadrarem os povos numa espécie de "Caráter Nacional". Ruth Benedict, a representante maior do configuracionismo em Antropologia, procurou uma visão da cultura como um todo e o indivíduo como resultante desses traços de cultura. Usando uma terminologia de Nietzsche separou os povos em "apolíneos" e "dionísios". Os primeiros, como os Zuni, são reprimidos e puritanos. Os segundos são agressivos e individualistas.

Mas quem realmente procurou atingir "Características Nacionais" foi Margaret Mead estudando à distância chineses, poloneses, russos, considerando-lhes tradições, atitudes, escritos, lendas, etc. Nos poloneses predominaria o masoquismo: o herói polonês é sempre o que morre e isto explicaria a resistência passiva e as "posições desesperadas" dos polacos na II Guerra. A descrição das estratégias usadas pelos russos nos jogos de xadrez são os símbolos de sua política internacional.

Para o Brasil "A Dialética da Malandragem", a integração entre "brancos, mamelucos e índios, diminuiu a idéia da diferença de classes. Tudo ao feitio do oprimido colaborando com o opressor desde o tempo dos bandeirantes. Talvez por isto Celso Furtado insista em que o marxismo clássico da luta de classes não explica a história do Brasil. E tem toda razão. De "conciliação" em "conciliação" e de autoritarismo em autoritarismo (nos intervalos da "conciliação") este povo "dócil e ordeiro" (Gilberto Freyre) vai sendo enrabado.

ALEX NASCIMENTO

Hic Vereri Perdidit

Roma, 1.º de janeiro de 1984

Mal começou o Ano e já estamos nós aqui atrás de dólares. Não há país que goste mais dessa moeda do que vocês aí. Não sei — e nunca vou saber — a razão de terem inventado o cruzeiro. Se não serve pra nada, pra que insistem? Vimos, pela televisão italiana, que não tem plim-plim, o discurso do presidente e uns tapes de Garrincha. Ótimos dribles. Um siciliano me perguntou se era casual o fato de Mané chamar todos os seus adversários de "joão". Mudamos de canal e apareceu a Bandagallia — que é como eles chamam aqui — numa alegria tão grande, que foi luta pra gente convencer os homens a emprestarem mais dinheiro. Inda bem que o chefe do Banco é um napolitano e, consequentemente, tem mais afinidade com sacanagem.

O frio aqui tá ótimo mas eu não tenho a mínima idéia de quem é que vai pagar a conta do hotel. Cinco estrelas. Aí, já seria candi-

dato. Meu companheiro de quarto é um tecnocrata chatíssimo, usa fio dental sempre que pronuncia a palavra "nordeste", vive falando na tese do seu doutorado que, pelo jeito, deve ser alguma coisa tipo "A Bomba Atômica e o Controle da Natalidade no Polígono das Secas".

Esse idiota não sabe que uma coisa que só tem um lado — o de dentro — não é polígono. Sua mãe me paga.

No melhor do sono a gorda me telefona pra ir pra uma reunião. Explico a ela que não posso porque tenho que ir ao jogo Roma x Udinese, onde, se não cumprimos o compromisso dos juros, como é normal, Falcão e Zico deixarão o campo com fraturas expostas. Ela se enfurece, diz que já providenciou cadeiras de rodas com faixas verdes-amarelas, e desliga. Abro meu manual de psicanálise e vejo que dentro de 90 minutos, no máximo, o povo vai encontrar um motivo para exigir eleições diretas.

O garçom do restaurante me serve café e diz que o café italiano, que é brasileiro, é melhor do que o brasileiro, que não é italiano. Pensei tratar-se de um jogo de palavras mas, no primeiro gole, concluo que ele tem razão. Ele quer saber o motivo, eu mudo de assunto, ele insiste, e eu sou obrigado a dar um chute nos ovos cozidos que estão em cima da mesa. Ele sai gritando, não volta mais, e só assim eu evito de me expor ao ridículo.

O pessoal da Missão começa a encher o restaurante e as pessoas mais educadas são obrigadas a abandoná-lo. Maluf entra, abraça todo mundo, e sai correndo pra uma festa de debutantes no Senegal. Na saída, dá uma ambulância de presente ao porteiro e cumprimenta pelo nome todos os cozinheiros. Logo que ele sai, entra Andreazza e diz que é tudo o contrário. Os italianos começam a querer chorar mas imediatamente morrem de rir quando sabem que a réplica da Jules Rimet estava no cofre.

Caruso termina de cantar Lucia de Lammermoor e um demente da Som Livre pergunta se ele não quer gravar um LP com Amelinha. Brasileiro é assim: não tem o menor senso do grotesco. Não vejo a hora de ver Vovó, a cafungadora, comandando essa nação. Também não vejo a hora de voltar praí. Não é saudade, não. Sozinho, aqui, eu sei que passaria a vida inteira. Agora, pra morrer de vexame prefiro a terra onde pouca gente tem.

Se vocês pensam que é exagero, é porque não viram o coordenador da Missão tentando convencer João XXIII de que o voto livre é uma coisa inconstitucional, e pão e leite são derivados do petróleo. Inda bem que o velho padre é calmo! Contentou-se em olhar pro coordenador, esboçar um giocondesco sorriso, e murmurar com a certeza de que todos os loucos e santos o escutariam: "Hic Vereri Perdidit".

Em português simples: "Este Perdeu a Vergonha".
Amém.

Editoras natalenses têm ampla lista de livros para lançar durante o ano

1984 parece chegar para as editoras de Natal com a promessa de muitos lançamentos, tanto na área técnica como na literatura. Tempos de crise levam as pessoas a se refugiarem nos livros e as editoras respondem a essa demanda.

Os escritores também garantem uma boa safra na literatura potiguar. Os mais expressivos já têm seus livros prontos para serem editados, apesar de alguns considerarem que o problema editorial no Rio Grande do Norte se complica a cada dia. A seguir, os principais lançamentos previstos para o ano.

EDITORA UNIVERSITÁRIA: — lança ainda neste primeiro semestre vários trabalhos científicos, pesquisas, livros técnicos e literários. "AVE MYRIAM", uma antologia sobre a inesquecível poetisa Myriam Coeli, organizada pelo também poeta e jornalista Celso da Silveira, seu marido. Outros lançamentos: "O SAL DA PALAVRA", de Luis Carlos Guimarães; "ANTOLOGIA DO PADRE MONTE", organizada por Jurandir Navarro sobre os fundamentos biológicos da castidade: "O POVO DO LIXO", da socióloga Idalina Faria Costa; "DIABETE E GRAVIDEZ", de Jorge Boucinhas; "GUIA POÉTICO DA CIDADE DO NATAL", de Manoel Onofre Júnior; "DISCOGRAFIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA", de Grácio Barbalho; "QUEM, QUANDO E PORQUE" um trabalho fotográfico de Carlos Lira; o terceiro número da revista "SAÚDE"; "PLAQUETE DO CENTENÁRIO DA MORTE DE JANUÁRIO CICCIO", de Iaperi Araújo. Todos numa tiragem de mil exemplares, mas sem data fixa para lançamento.

EDITORA MATUREI: — lançará ainda neste verão os "POEMAS BÉBADOS", uma antologia de "poetas gauleses" produzidos nas farras da Redinha. O mercado desta praia será o local para o

lançamento. O livro inclui poemas de Francisco Alves, Clotilde Santa Cruz, Olinto Rocha, Laércio Bezerra, Kiria Maravilha, Estevão Lúcio, Diva Cunha, Grácia e Carlos Braga. Tiragem de mil exemplares.

CLIMA: — A intenção é lançar 12 livros de autores da terra. "TRAGÉDIA E EPOPEIA DO NORDESTE", numa coedição da "Clima" e UFRN. São estudos sobre a seca nordestina. Serão publicados dois mil exemplares, sem data determinada para lançamento, "O JOGO DA CRIAÇÃO", de Irma Chaves. Estudos literários da escritora sobre os livros do jornalista e escritor, Tarcísio Gurgel e da poetisa Myriam Coeli. Este provavelmente será lançado no final de janeiro, com mil exemplares editados.

COOJORNAT: garante apenas dois lançamentos, o segundo livro de José Airton de Lima, autor de "Patologia da Comunicação", on-



Alex apresenta a sua avó

de ele versa sobre a violência da comunicação. E também o segundo livro de Alex Nascimento, — "QUARTA-FEIRA DE UM PAIS DE CINZA". Esses, como os de-

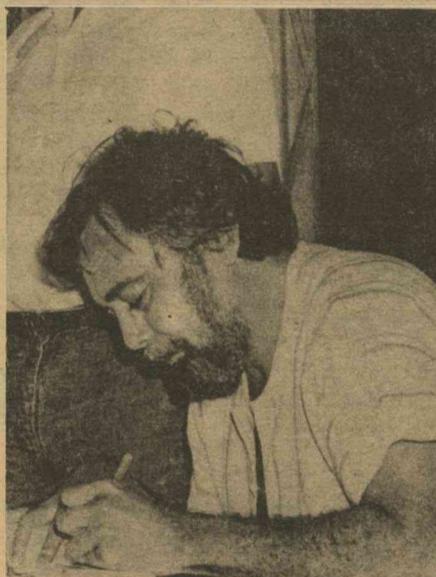


Diva Cunha está entre os gauleses que produziram os "Poemas Bébados"

mais, ainda não tem a previsão de quando serão publicados.

OS ESCRITORES

NEY LEANDRO DE CASTRO, autor de "O DIA DAS MOSCAS" e "VIAGEM DE VOLTA", este úl-



Ney Leandro: após as moscas, o rio

timo lançado em dezembro passado no Rio de Janeiro, publicará neste mesmo Estado 50 poemas dedicados à "cidade maravilhosa". É o livro "ÀS MARGENS DO RIO", com prefácio de Pedro Navega, abordando todos os temas carioca, como suas ruas, o "Maracanã", suas praias e personagens populares, que Ney Leandro aprendeu a conhecer durante sua permanência naquela cidade. Será uma tiragem de dois mil exemplares. O escritor tem outro livro para lançar, mas por superstição, como ele mesmo afirmou, não adiantou nenhuma informação. Estes livros serão lançados em Natal brevemente, garante Ney Leandro de Castro.

VICENTE SEREJO, cronista e jornalista, autor de "CENA URBANA" lançará em fevereiro, no Mercado Público da Redinha as "25 CARTAS DA REDINHA". O livro compõe-se de cartas escritas

por Serejo durante o veraneio de 1982. São assuntos da vida da praia, de seus barcos, pescadores, veranistas e sobre a vila. As ilustrações são do artista plástico Dorian Gray. "25 CARTAS DA REDINHA" será publicado pela "Nossa Editora" numa edição de 500 exemplares. Ainda este ano, Vicente Serejo garante um outro lançamento, mas sem uma previsão. Ele recebeu um convite para reunir 50 crônicas em um convênio de coedição da "Fundação José Augusto" e "Editora Presença", do Rio de Janeiro. Será uma coletânea de crônicas líricas. O livro intitula-se "O DIA-A-DIA DA CRIAÇÃO". Provavelmente será lançado no segundo semestre deste ano.

ALEX NASCIMENTO, cronista e autor de "RECOMENDAÇÕES A TODOS" lança seu segundo livro, neste primeiro semestre de 1984, no mesmo local, "O Kasarão". "QUARTA-FEIRA DE UM PAIS DE CINZA" é o título deste livro que promete ser tão polêmico quanto o primeiro. A história é de uma avó de 86 anos, viciada em cocaína, que sai pelo mundo a fora, curtindo uma violenta paixão sexual por seu neto. E o resto é consequência, promete Alex Nascimento.

CELSO DA SILVEIRA, jornalista e poeta, autor de "O HOMEM RI DE GRAÇA" e "GLOSA GLOSARUM", tem mais dois livros prontos, na mesma linha do primeiro. Celso da Silveira não pretende publicá-los em editoras que dependem do poder público. "A única que edita livros sem complicações é a "Clima", diz ele. Os dois livros estão sem títulos e sem previsão de lançamento, mas sairão este ano. São histórias contadas pelo povo, que Celso transformou em deliciosas e picantes piadas do cotidiano.



Vicente Serejo: líricas crônicas sobre a Redinha e os afazeres diários da criação.

Juizado de Pequenas Causas começa a atrair confiança

Há alguns dias, um cidadão natalense, prejudicado pela falência da Capemi-seguradora, ia receber de indenização a bagatela de Cr\$ 5 mil. Depois de recorrer ao Juizado de Pequenas Causas — JPC — criado em outubro do ano passado — ele viu esta quantia multiplicar-se para Cr\$ 200 mil. Este, na verdade, é apenas um dos exemplos que ilustram diariamente a validade do JPC, criado pela OAB-RN a partir dos juizados existentes desde 82 no Rio Grande do Sul e Paraná — apenas estes três Estados têm o JPC.

Este é o primeiro tipo de tribunal existente no Norte e Nordeste para agilizar as questões que na justiça comum levariam um ano para uma solução. O JPC favorece pessoas de baixa renda e o próprio Poder Judiciário, no momento em que abraça causas como batidas de automóveis, aluguéis atrasados de quartos e casas ou a devolução de objetos defeituosos às lojas. Estes casos, normalmente, ou demoram a ser resolvidos ou os prejudicados não se animam a procurar a Justiça.

Rubélio Lins Baia e Perpétua Wanderlei de Castro são os advogados responsáveis pelo JPC, supervisionados por um juiz da Associação dos Magistrados, Raimundo Jovino. Segundo Rubélio Baia, apenas uma falha aparece nesta iniciativa da OAB. O Juizado de Pequenas Causas, apesar de sua fundação ser divulgada em todos os meios de comunicação da cidade, ainda não atingiu a classe pobre que deveria ser a mais beneficiada.

Desde sua criação, 23 casos fo-

ram resolvidos pelo Juizado de Pequenas Causas, que funciona na OAB, na Avenida Junqueira Aires, a partir das 20:00 horas, das terças e quintas-feiras. Mas as reclamações são recebidas durante todo o dia, nos expedientes normais. Os serviços de advocacia são gratuitos. Os problemas da ordem familiar, criminal ou trabalhista não são de sua competência, mas apenas os de caráter patrimonial.

Rubélio Baia diz que as questões mais comuns ao Juizado de Pequenas Causas, nesses dois meses de existência, foram a divisões de posses de terrenos, aluguéis de casas e reclamações contra firmas comerciais. Problemas assim, na justiça comum demorariam um ano. Quem se propõe a comparecer às sessões do JPC, vai disposto a negociar, entrando em acordo com o reclamante. A agilidade é a sua principal característica, unindo-se a isso o fato de, em alguns casos, apenas uma sessão resolver o problema dos clientes. As decisões são irrevogáveis, pois são fundamentadas no Código Civil.

"Seria bom que se tivesse um meio de levar estes serviços ao povo humilde que ainda não tem conhecimento do Juizado de Pequenas Causas, pois muitos não escutam nem rádio, pela falta de condições econômicas", lamenta-se Rubélio Baia. Ele lembra que estes serviços são destinados principalmente a esta classe social, desprovida de recursos para acelerar processos na justiça ou pagar os honorários de advogados particulares.

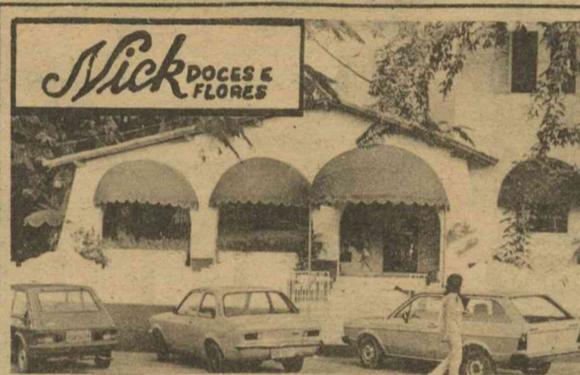
Em Potilândia, os moradores vão renovar o seu conselho

Toda a comunidade de Potilândia está sendo mobilizada pela chapa "Participação" que concorre à presidência do Conselho Comunitário nas eleições do próximo dia 14. Encabeçada pelo professor Wharton Martins de Lima (Maninho), 31 anos, cuja primeira iniciativa foi a distribuição de um formulário a cada morador, solicitando colaboração a nível de sugestões para resolução de problemas e melhoria geral do conjunto.

Para Wharton Lima, os principais problemas que afetam os moradores das quase 1.300 residências de Potilândia, dizem respeito à segurança e ao descaso a que está relegado o conjunto que é, também, o mais antigo de Natal. Potilândia é praticamente, o único conjunto que não conta com uma área de lazer (praça, quadra de esportes). O próprio conselho não dispõe de sede própria e utiliza uma sala do Centro Social Urbano.

Se eleita a chapa "Participação", seus integrantes pretendem de imediato associar todos os moradores, para o que desenvolverão uma campanha intensa de mobilização. Wharton Lima afirma que o atual conselho é tão inoperante que a maioria dos moradores sequer tomou conhecimento da sua existência. Disposto a corrigir tais distorções, ela espera, até o início da próxima semana, ter pronto o levantamento dos anseios da comunidade das críticas aos problemas mais urgentes e das sugestões solicitadas, que já é uma primeira participação dos moradores no trabalho conjunto que a chapa "Participação" pretende desenvolver.

Como candidato à Vice-Presidência do Conselho está Damásio Pessoa da Silva; à Secretaria, Bismarck Pereira Sátiro e à Tesouraria, Dielson Costa.



NICK Doces e Flores, a primeira casa-de-chá de Natal

- ★ Chocolate Kopenhagen
- ★ Oferecemos aos domingos almoço

★ Atendemos encomendas de doces e salgados, tortas, peru

Av. Prudente de Moraes, 615/619 — Tel. 222-3318 e 222-2688
Filial: CCAB Petrópolis, Loja 6 — Tel. 222 4833

Faça um Teste:

encaminhe os serviços gráficos de sua empresa para

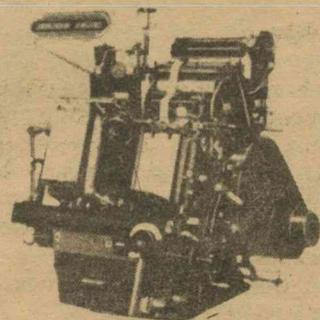
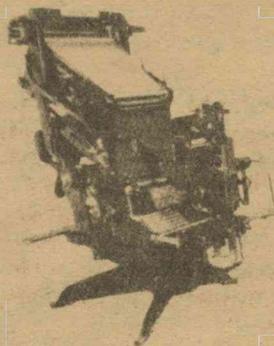
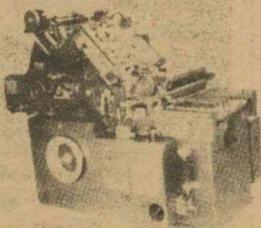
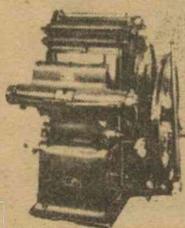
RN GRÁFICA E EDITORA LTDA.

Você vai ter os preços mais baixos, a maior rapidez

e o melhor padrão de qualidade

* Serviços em off set ou tipográficos *

RN GRÁFICA E EDITORA LTDA. Rua Dr. José Gonçalves, 687 - Lagoa Nova - Tel. 231-1873



Um moicano

O Estado do Rio Grande do Norte tem — ufa! — finalmente — um Secretário em quem a população pode descarregar a sua simpatia sem ser levada por publicidade. É Hélio Vasconcelos, corajoso o suficiente para determinar medidas há muito tempo pedidas por pais, alunos e professores, e que os últimos governadores — inclusive o que o nomeou — teimavam em ser contra. Contra, evidentemente, porque as medidas contrariam os seus interesses politíqueiros. O concurso para professores público, a eleição de diretores de escolas e a extinção da obrigatoriedade da farda escolar significam bom alento para a administração do Secretário de Educação. Resta esperar que ele continue nessa marcha. Mas, conhecendo-se os interesses políticos que dominam esta capitania, é difícil saber-se até onde Hélio Vasconcelos aguentará se quiser manter-se coerente com o caminho tomado.

CONGRESSO

Em Maceió, uma representação da ACERN participa do X Congresso Brasileiro de Cronistas Esportivos, promovido pela ABRA-CE, entidade nacional da categoria, e a entidade de Alagoas.

CONFRATERNIZAÇÃO

Amanhã, na sede da Associação dos Funcionários da CEF, em Pium, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Norte reúne a categoria numa feijoadá de confraternização.

MUTIRÃO

O programa "Mutirão", dedicado ao cooperativismo e transmitido pela TV-U, foi criação da Cooperativa de Jornalistas de Natal — COOJORNAT que, nesta segunda fase, não foi sequer consultada.

IPTU

São muitas as reclamações contra o IPTU, que em alguns casos aumentou em até um mil por cento.

Mas será que ninguém notou que o carnê agora é muito mais bonito?

PUBLICIDADE

O Governador Franco Montoro, acatando observação dos jornalistas que cobrem o Palácio dos Bandeirantes mandou retirar de circulação uma peça publicitária oficial que citava o seu nome. A praxe é assinar as peças com "Governo Democrático de São Paulo".

Além disso, o governo paulista distribuiu a sua publicidade por todos os jornais.

LISBOA

A agressão sofrida pelo poeta, advogado e comerciante Vécio Lisboa é típica de sociedades que não respeitam os direitos individuais. O que tem a ver funcionários do Estado com as roupas dos cidadãos?

Espera-se que o Governo corte o mal pela raiz.

LIVROS

Apesar da crise, há um setor em Natal que parece ter-se pelo menos mantido estável, se é que não cresceu. É o da edição de livros, que fortaleceu-se com a entrada das editoras particulares, preenchendo a lacuna que as entidades oficiais não tiveram, nos últimos anos, competência para fazer.

Apesar dessa pujança, um desvio: continua se acreditando pouco nos novos autores. Estes, na maioria, têm mesmo de apelar para as edições próprias.

POETA

A poesia natalense produzida pelos autores jovens ganha alguém de qualidade entre as mulheres. É Marize Castro, autora de "Marrons, Crepons e Marfins", e ganhadora do prêmio "Galux — FJA" de Poesia.

TROMBONE

"Ferra da Terra" é o nome do espetáculo que o grupo paulista "Ásdrubal Trouxe o Trombone" apresentará no "Alberto Maranhão" em fevereiro.

No elenco, a mais famosa das "tietes": Regina Casé.

CONTRATO

O ex-padre Zé Luís deverá ser o novo contratado da TV-Universitária.

POLITICA

Embora muito esperado, o jornal de circulação nacional lançado por Mino Carta e Raimundo Pereira (criador de "Movimento") ainda não chegou a Natal. O jornal, lançado no Rio no dia 17, é "Política".

REI

Em Recife, está chegando ao terceiro número uma das mais originais propostas do jornalismo nordestino, "O Rei da Notícia", um satírico de primeira qualidade, reunindo colaborações de todo pessoal da imprensa de lá. No meio, uma natalense, Gleyde Selma, fotógrafa.

Marize Castro, a poeta que espantou os "medalhões"

A figura é miúda, frágil, mas as frases que dispara certamente abalam:... "Poesia não exige talento especial. É principalmente desenvoltura, saber brincar com o lúdico. É muito um misto de loucura e lucidez". Quem fala assim é Marize Castro, 21 anos, ganhadora do prêmio "Galux" FJA de poesia deste ano.

Poeta, jornalista, desde criança interessada em poesias — "ao invés de brincar de bonecas, ou de assistir atentamente às explicações das aulas de matemática, preferia ir logo lendo os livros que meu pai trazia para casa"... — Marize Castro entende que a importância de ganhar um prêmio como este reside no fato de que antes ele só era concedido a pessoas já conhecidas com um certo renome literário, aos "medalhões" da poesia local.

Sob o título de "Marrons. Crepons, Marfins", o trabalho que utilizou para o concurso reuniu 30 poemas, muito concisos. "Poesia é fundamentalmente a concisão da palavra. Eu trato a palavra de forma muito irreverente e luxuriante, brinco com elas, por exemplo, quando digo... Amanso a Fera/ Já não dorme./ Implode."

Marize Castro ressenete-se da estrutura do concurso que venceu. Ela prefere ao invés do prêmio em dinheiro (cem mil cruzeiros) a publicação do trabalho.

PANFLETO

Diante das dificuldades encontradas para a publicação do seu trabalho, Marize Castro inovou junto ao meio artístico-cultural da cidade lançando o panfleto literário "À Luz de Spots" durante o Festival do Forte, em dezembro.

Com "À Luz de Spots" ela pretende atingir todas as camadas da população. O importante é que haja a interação "autor-leitor", único modo de fazer com que de fato aconteça a poesia.

Escrever, para Marize, é antes de tudo um ato político. Porisso indaga:... "de que adianta produzir, escrever e engavetar?". Daí esperar contar com o apoio de instituições culturais, empresas oficiais ou particulares para continuar lançando mensalmente o panfleto que pretende abrir à participação de outros autores.

A poesia de Marize

ESCALADA

Além de mim,
Você.
Escalando montanhas.
Enfim.

SENTIDO LINEAR

Tua boca sempre igual
mas sempre densa
e anti-vulgar
refaz
o sentido linear
de te beijar.

GEOMETRIA

Não sou mais de cetim
A geometria das paixões
desbundou
as minhas acetinadas
emoções.

À MARGEM

Recebi pelo correio
a blusa de seda
negra.
Não a vesti.
Espero instruções
"in loco".
Corto os pulsos
ou me enforco?



Na semana passada, a redação e os diretores de DOIS PONTOS reuniram-se em almoço de confraternização no restaurante do "Bosque dos Namorados", por ocasião da passagem de ano. Acima, flagrante do encontro.

houve um golpe de Estado contra o presidente da República. Ai esfriou... e eu saí. Eu não iria me sentir bem trabalhando num regime diferente...

OSAIR — Lidar com o homem do interior do Rio Grande do Norte lhe deixou algum cabedal para lidar com o homem africano?

MARCOS GUERRA — Sim. Aqui no Rio Grande do Norte eu fiz parte de um grupo que teve a chance de trabalhar no terreno. Eu trabalhei na equipe que fundou a Rádio Rural. Isso foi uma sorte! Depois trabalhei no jornal "A Ordem". Trabalhei com o primeiro grupo de advogados e estudantes de direito que ajudava a criar sindicatos rurais, através do SAR (Serviço de Assistência Rural da Arquidiocese de Natal). Trabalhei depois com o grupo de Paulo Freire, no SECERN (Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte). Quer dizer: eu aprendi a falar "camponês". Isso aí foi a minha escola fundamental. De 1971 a 1974 fiquei no Níger. De 74 a 76 fiquei na Costa do Marfim. Ai, dirigindo um setor que cuidava da promoção das organizações camponesas do país. Minha tarefa era identificar, fazer uma avaliação e propor uma política ao governo, em relação às organizações camponesas. Eu viajava pelo interior da Costa do Marfim três semanas por mês. Como o país mede 800 quilômetros de largura e mais 800 de altura, eu o conheço muito bem! Isso tudo foi muita sorte para mim!

"A ALFABETIZAÇÃO ERA APENAS UM SUBPRODUTO DO MÉTODO PAULO FREIRE".

DODORA — A sua experiência com o "Método Paulo Freire", como ela lhe foi útil? Como você se utilizou dela no seu trabalho lá fora?

MARCOS GUERRA — Bom... No IRFED, ajudando o pessoal da África e da América Latina a refletir sobre o que tinha sido a nossa experiência. A experiência de Paulo não foi uma experiência só de alfabetização, mas sim de educação global. Paulo sempre reclama que o pessoal o considera mais um alfabetizador, porque ele conseguiu acelerar o processo de alfabetização. Mas alfabetizar era um subproduto do trabalho educativo.

DODORA — Você poderia fazer uma rápida explanação do que era o "Método Paulo Freire"?

MARCOS GUERRA — Na época, o que é que a gente tinha? Tinha um processo de alfabetização que era posto em prática pelo governo federal, ao qual eu chamava de alienado! Existe um livro de Paulo que diz que a primeira frase da cartilha era "alienada": "Ada dá o dedo ao urubu". Ada não é nome corrente no Brasil. E o cara que redigiu isso lá no escritório do MEC enganou-se, porque a gente pode dar o dedo a um papagaio, mas ninguém dá o dedo a um urubu. E depois: o que é que adianta para o homem do campo ou para o homem da cidade, saber que "Ada dá o dedo ao urubu" ou ao papagaio? Então, o processo de Paulo via o seguinte: esse tipo de educação que não fala da realidade, que não transforma o homem quando ele

entra no processo de educação, que não permite ao homem integrar-se no processo de transformação do mundo no qual ele está, é uma educação que não tem sentido! É inclusive uma educação que ele tende a esquecer e a provocar o chamado "analfabetismo regressivo". O que fez Paulo Freire? Na época, nós tínhamos aqui um sério problema de habitação. E uma palavra muito mais "quente", mais importante, que envolvesse a pessoa, seria uma palavra da qual se pudesse partir para a discussão do problema da moradia. Assim, a palavra "tijolo", muito mais simples do que uma frase, tinha porém uma carga muito mais emotiva. A partir dela, se discutia o problema da moradia, que é um problema da vida. A vida e a alfabetização são a mesma coisa! Aqui no Rio Grande do Norte a gente fez um trabalho sério. Escolhemos "palavras geradoras" capazes de situar corretamente a maioria dos problemas que ocorriam. Havia, na época, uma grande pressão populista e era, então, evidente que a gente tinha que discutir a questão "voto" e "povo". Havia a questão da seca. Então, outra palavra geradora era "chique-chique". Eu não me lembro exatamente de todas as palavras geradoras... Havia o problema do artesanato. Então, outra palavra era "sapato", que permitia discutir a situação da produção do sapateiro. Então, ao contrário dos processos de alfabetização então existentes, o "Método Paulo Freire" ligava a alfabetização à vida e aos problemas principais da pessoa numa região como a nossa: comida, habitação, cultura, trabalho. Essa é que é a explicação... Eu me lembro como se fosse hoje que no IPM (Inquérito Policial Militar) que a gente teve de responder, em Recife, nós ouvíamos constantemente a observação: "Por quê conscientizar a população de que ela está com fome, quando não há solução para o problema da fome?" Mas o fato era que nós achávamos que, conscientizando todas as pessoas para o problema da fome, nós haveríamos de encontrar a solução para esse problema! Isso aí era um divisor de águas, compreende?

"NUNCA HOUVE CONTRA MIM UMA ACUSAÇÃO FORMAL. A PRINCIPAL ACUSAÇÃO CONTRA MIM ERA UM VAGO "SUBVERSIVO", QUE NÃO QUER DIZER NADA."

OSAIR — Enquanto o seu inquisidor achava que não se devia conscientizar a pessoa, porque não havia solução para aquele problema sobre o qual ela se conscientizava, você então estava convicto de que com a conscientização as pessoas encontrariam soluções. Isso me leva então a lhe perguntar o seguinte: como é que você ouvia essa acusação e como é que você se sentia?

MARCOS GUERRA — Eu sempre tive consciência de que eles estavam errados, mas sabiam muito bem o que pretendiam! Eles pretendiam impedir um processo que não era só o da alfabetização; queriam impedir que todo trabalho que conduzisse à organização do povo pudesse continuar.

OSAIR — As acusações que eles lhe lançavam eram deliberadamente falsas?

MARCOS GUERRA — Não. Eu não chamaria de "falsas". Eu diria que elas partiam de um raciocínio fundamentalmente elitista. Eles não queriam que o povo tomasse consciência; que o povo participasse do poder; e, menos ainda, dos benefícios da política econômica.

OSAIR — Marcos, e você não se sentia injustiçado com as acusações que lhe faziam?

MARCOS GUERRA — Bom... Primeiro, nunca houve contra mim uma acusação formal. A principal acusação contra mim era um vago "subversivo", que não quer dizer nada. Eu era jovem. Em 64, eu tinha 23 anos. Mas não era mais uma criança! Eu não me sentia injustiçado; me sentia participando de um processo. Eu tive sorte... Eu não fui preso em Natal, o que foi duro e significou praticamente o começo do exílio para mim! Fui preso em Caruaru e fiquei preso em Recife com um grupo que eu não conhecia. Isso me permitia trocar experiências e compreender que aquele processo, ao qual eu me integrei no Rio Grande do Norte, também estava acontecendo em outros Estados. Aliás, eu estava bem consciente disso, pois eu trabalhara com a UNE!

MARCOS — Naquela época anterior a 64, participando ativamente dos movimentos políticos e sociais, você alimentava alguma ambição política?

MARCOS GUERRA — Ambições políticas ou partidárias, eu tenho a impressão de que não. Eu faço parte de uma geração que lutou para se inserir num processo político. Mas que, ao mesmo tempo, estava convencida de que os partidos políticos existentes na época não satisfaziam os nossos anseios. Então, dentre os meus colegas de trabalho na época, houve vários que foram criar partidos. Eu, pessoalmente, fiquei mais numa área mais técnica e profissional. Entrei também num grupo que tentava fundar um partido. O pessoal daqui sabe que na época eu participei da AP (Ação Popular). Mas não fiquei muito tempo, porque a questão do trabalho com Paulo Freire me pareceu prioritária, politicamente. Eu fiz a opção porque, em princípio, me pareciam antagônicos os dois tipos de trabalho.

OSAIR — Você acha que a política fora dos partidos é mais produtiva?

MARCOS GUERRA — Não. Eu acho que o partido deve ser o dirigente da ação política. A tarefa dirigente do partido é fundamental. Agora, naquela época eu não tinha esse tipo de visão. Assim, eu não tive oportunidade de fazer um trabalho partidário, como não tive tempo de fazer tantas outras coisas que hoje em dia eu gostaria de ter tido tempo de fazer.

OSAIR — A sua primeira análise, quando você saiu do país, redundou num erro. Ou seja: você pensou que o processo duraria pouco e que você logo poderia regressar. Eu queria que você resumisse, se possível, as suas análises posteriores, até chegar à mais recente. Como você passou a ver o Brasil?

MARCOS GUERRA — Bem... primeiro, acho que você está me creditando uma capacidade de análise

que eu não tenho. Eu sou muito mais vivencial e reativo, do que analista! Depois da primeira análise, de que eu já falei, houve uma segunda, que não foi somente minha: "o negócio lá, vai durar!" E me convenci de que tinha de lutar de alguma forma para ajudar a promover o retorno do país à democracia, liderada por uma sociedade civil, mesmo que aí se incluísse uma participação militar. Eu tenho visto muitos países em que o militar participa da direção da sociedade, como outras forças, sem distinção. O mal é tornar o militar a força exclusiva dirigente do processo político. Isso deforma a sociedade, pois esta força tem apenas uma visão setorial. Assim, diante dessa segunda análise de que a coisa ia durar, constatei que a sociedade brasileira, principalmente os partidos de oposição, estavam organizados. Mas aí, por volta de 71, eu fui morar na África, e os ecos dos acontecimentos no Brasil já não me chegavam. Havia a barreira da comunicação. Eu tentava o rádio, colocava antena em cima de casa, recebia cartas... mas não era a mesma coisa! A partir daí eu não pude mais acompanhar o dia-a-dia do Brasil. Por outro lado, eu vivo muito intensamente o presente e procuro sempre me integrar ao máximo à sociedade onde eu estou. Algum tempo depois, pelas novas informações que passei a receber na conversa com amigos que me visitavam, eu fiz mais uma análise: "está na hora de criar um grande processo de luta pela anistia e, em cima da palavra de ordem "anistia", está na hora de se lutar pela redemocratização do país"! Então, eu tentei participar dessa luta. Depois, vendo a vitória eleitoral das oposições no Brasil, eu cheguei a fazer mais uma análise, desta vez favorável à formação de uma grande frente oposicionista, como forma de enfrentar o partido do governo. E continuei pensando que, se não houver uma revisão nas leis eleitorais que possibilitem que um partido de oposição, sozinho, venha a ser majoritário, acho que a união de todos os partidos oposicionistas numa frente deve ser procurada, como o melhor meio de vencer o outro partido. Frente não significa que não se pode ter lutas internas, de jeito nenhum!

"EU ERA UM JOVEM EM 64. NAQUELA ÉPOCA NÓS TINHAMOS CONVICÇÃO DA NOSSA CAPACIDADE DE TRANSFORMAR A SOCIEDADE".

DODORA — Quais são as diferenças que você nota entre o Brasil de antes de 64 e do Brasil de hoje?

MARCOS GUERRA — Eu era jovem em 64. Como universitário, tive a sorte de poder participar de uma equipe que recebeu uma tarefa importante na sociedade, que era participar de maneira muito ativa e com responsabilidade de direção, de um processo educativo. Qual é o jovem hoje, de 20 ou 21 anos de idade, a quem a sociedade entrega esse tipo de trabalho? Se exigiria, pelo menos, um mestrado... Houve, então, um processo de "desresponsabilização" dos jovens. Naquela época, nós tínhamos convicção da nossa capacidade de transformar

a sociedade e nós estávamos mobilizados para isto. Eu penso que hoje em dia a gente acredita menos em nossa capacidade de transformar a sociedade. A gente acusa mais os políticos e os governantes em vez de reivindicar a nossa participação.

DODORA — *Estaria havendo uma acomodação da sociedade?*

MARCOS GUERRA — Acomodação ou falta de horizontes... Eu acho o seguinte: a sociedade não vai abrir vez para ninguém! Cada um é que tem que abrir a sua vez. Cada um é que deve conquistar o seu espaço, assumindo inclusive as responsabilidades que ele tem de assumir, dentro daquela história: "quem sabe faz a hora, não espera acontecer." Uma diferença é essa! Agora, outra grande diferença eu acho que é o seguinte: hoje, a crise tem uma natureza diferente! Nós, naquele período anterior a 64, estávamos numa crise e num grande processo de efervescência popular. Nós hoje estamos numa crise que, provavelmente, é muito mais ligada à crise internacional, do que aquela crise anterior. Dessa, a gente não vai mais sair sozinho! Naquele período, é possível que o Brasil pudesse sair sozinho da crise, mas agora só vai sair ligado com os outros, e esses outros são os países do Sul. É a Índia: são os países ali pela Ásia; são os países da África, prioritariamente aqueles que têm exatamente a nossa problemática, a nossa ecologia... Os brasileiros têm que ter consciência disso. Um terceiro elemento que eu acho que mudou muito entre a época anterior a 64 e a de hoje: a distribuição da riqueza. Eu não me lembro de que você precisasse de por praticamente um salário mínimo no bolso para ir a um restaurante, para por gasolina no seu carro, ou para comprar duas camisas... Naquele tempo, eu não tenho a impressão de que o desnível entre os que ganhavam pouco e os que ganhavam muito fosse tão grande. Os pobres estão mais pobres! Essa é uma consequência muito visível desses anos de governo militar.

MARCOS — *Na sua visão, para onde o Brasil ia em 64 se não tivesse havido o golpe? O Brasil ia para um regime de esquerda?*

MARCOS GUERRA — Eu acho que a justificação do anti-comunismo não me parece válida. Penso que se o processo tivesse continuado, a democracia efetiva teria levado o Brasil a encontrar uma solução muito específica para a sua crise. Eu estou convencido hoje, depois de conhecer muitos países e de observar como eles evoluíram, que não há condições no Brasil para se copiar "ipsis literis" tal modelo, quer ele venha da Suécia, dos Estados Unidos, ou da Europa do Leste. Está evidente que o sentimento nacionalista, que a mentalidade tupiniquim, ou o que seja, permitirá aqui alguma coisa que será "sui generis". Não estou falando de terceira via, não! Estou falando de sociedade democrática, específica, na qual haja condições de se dividir a dívida, mas de se dividir também o lucro. Penso que teria havido condições para uma solução nesse sentido. Agora, é evidente que não chegamos lá porque de um lado houve uma reação extremamente dura, que foi o golpe militar. E por outro lado houve um despreparo e uma incompe-

tência dos governantes da época. Você imagine: uma federação grande como o Brasil onde não houve alguns Estados que tenham preferido continuar na linha da abertura! Eu não tenho nenhum medo de que, se tivesse continuado aquela situação, nós teríamos evoluído para alguma coisa que seria bastante feliz.

MARCOS — *O país involuiu depois de 64?*

MARCOS GUERRA — Politicamente, eu não sei. Aqui no Rio Grande do Norte, por exemplo, eu não vi grandes progressos. O coronelismo é uma questão que ainda predomina. Discutir a questão do futuro do Rio Grande do Norte, do futuro econômico, da participação que vai ter cada um dos cidadãos — sobretudo os mais pobres —, essa questão ainda não preocupa os dirigentes. Isso aí me dá a idéia não de que o país involuiu, mas de que ainda não está devidamente preparado. Politicamente ou culturalmente o Brasil evoluiu ou involuiu? Eu



acho que dizer que involuiu é impossível porque houve muito progresso. Mas eu pergunto o seguinte: que tipo de alfabetização e de educação de base se faz hoje para preparar o povo para as responsabilidades na direção do país?

MARCOS — *Será que em 64, você e todas as pessoas que se envolveram com aquele processo político, não estavam propondo uma coisa para a qual a sociedade não estava preparada? Será que vocês não estavam avançados demais para a época?*

MARCOS GUERRA — Não sei. É provável... Quer dizer que nós cometemos um enorme erro tático?... É possível. Agora eu digo: não me dê mais importância do que a que eu tinha! Eu estava numa tarefa muito específica, que era um trabalho de educação que se desenvolvia na mesma faixa, quer seja no trabalho de alfabetização ou na formação dos sindicatos rurais. Eu tinha o quê? Menos de 25 anos. Será que nós tínhamos capacidade de discernimento para fazer a melhor escolha tática? De qualquer modo eu me recuso a acreditar que a gente foi vanguardista e que foi o nosso trabalho que levou tudo para trás. Eu acho que não! A reação que houve, ela estava ligada a interesses econômicos fundamentais. E acho tam-

bém que a sociedade teria, inclusive do ponto de vista econômico, ganhado muito mais se tivesse deixado aquele processo avançar.

DODORA — *Que influência o governante do Rio Grande do Norte na época teve sobre o que sucedeu com você e com outros que estavam envolvidos naqueles movimentos junto ao povo?*

MARCOS GUERRA — A impressão que eu tenho — mas sem transformar isso num elogio a Aluizio Alves — é que os governantes estavam preocupados em seguir aquele movimento, aquela ânsia popular de educação para todos. É evidente que esse processo era liderado de maneira muito determinada, na área da Igreja Católica, por Dom Eugênio Sales, e na área do município de Natal pelo trabalho de Djalma Maranhão. Na época, Aluizio era governador. Do ponto de vista da alfabetização, ele deu carta-branca a Calazans Fernandes, que era o seu secretário de Educação.

"SE NÃO TIVESSE HAVIDO O GOLPE NÓS TERÍAMOS EVOLUIDO PARA UMA SOLUÇÃO BASTANTE FELIZ".

OSAIR — *Abrindo um parêntese, Marcos: Aluizio tinha consciência de que o "Método Paulo Freire" provocaria uma profunda transformação social? Ou estava interessado apenas na alfabetização?*

MARCOS GUERRA — Ele tinha consciência de que o método não visava somente a alfabetização. Agora, eu nunca conversei com Aluizio para saber dele se ele queria a conscientização. Sei que ele sofreu pressões de muitos municípios para que o trabalho de alfabetização em 40 horas não se desenvolvesse em determinadas áreas. Lembro-me perfeitamente que houve pressão para que não se começasse o trabalho pelo município de Mossoró. Pressão de chefes políticos municipais! O que foi que fez Aluizio? Ele mandou que a experiência começasse por Angicos, que era o território dele, talvez para criar condições de dizer às demais lideranças que teve a coragem de fazer o trabalho no seu município.

DODORA — *Comenta-se muito que, na hora da repressão, Aluizio teria "entregado" algumas pessoas que estavam envolvidas no traba-*

lho de alfabetização em 40 horas. Inclusive, os inimigos políticos de Aluizio exploram isto até hoje! O que você tem a dizer?

MARCOS GUERRA — Se Aluizio "entregou" alguém, eu não sei. Eu considero que fui, na época — e sempre me senti bastante orgulhoso e um pouco chateado —, o mais penalizado. A maioria do grupo que trabalhou na alfabetização com o sistema de Paulo Freire, ninguém foi atingido ao mesmo nível que eu, felizmente. As pressões ficaram em cima de mim e de Paulo. Se Aluizio decidiu me "entregar" ou não, eu não sei! Eu não tenho a impressão de que Aluizio, particularmente, tenha se envolvido nesse ponto, pois seria uma faca de dois gumes. Seria como se ele fosse cutucar o cão com a vara curta... Aquilo poderia cair também por cima dele. Acho que Aluizio pode ter pecado por omissão, mas não creio que haja agido contra nós. Calazans Fernandes, que era secretário de Educação, não se omitiu! Ele foi até a Auditoria Militar em Pernambuco para nos defender. Eu não tenho rancor nem mentalidade de ex-combatente. Isso são coisas que acontecem e que até foram boas, foram formadoras...

"ACHO QUE ALUIZIO ALVES PODE TER PECADO POR OMISSÃO. MAS NÃO CREIO QUE ELE TENHA AGIDO CONTRA NÓS."

OSAIR — *Você acha que nós estamos próximos de assistir a uma grande transformação no Brasil?*

MARCOS GUERRA — Eu acho que o mundo inteiro está diante de uma situação que exige transformações radicais. Nós não temos condições de continuar como estamos. Isso é muito evidente! Eu não digo que, no Brasil, a transformação comece a partir da eleição presidencial — que aliás eu gostaria que fosse direta e se eu estiver em condições vou lutar para isso. Se for possível, já com a eleição, que se comece a virar a página da história, no bom sentido — porque a página pode ser virada se rasgando! pode ser virada para trás! Em todo caso, eu acho impossível que cheguemos ao ano 90 sem que haja uma transformação profunda na relação entre o Nordeste e o Sul do Brasil; na relação entre trabalhadores e patrões; na relação entre o posseiro e o camponês sem terra, e toda a terra que está aí disponível, ou que está aí produzindo para exportação, ou para consumo de uma certa categoria, e não privilegiando a produção alimentar. Eu acho que tudo isso chegou a um nível insustentável! Há necessidade de uma revisão das relações do Brasil com outros países do terceiro mundo, melhorando a relação Sul-Sul; de uma nova relação do Brasil no Norte-Sul, que não pode mais ser essa relação de vez por outra, independência — o "cocoricó", como se diz na França — mas deve ser uma relação de verdadeira independência, uma relação de "fazer o jogo". Por exemplo: a responsabilidade do Brasil de fazer ou não a moratória, não é responsabilidade só brasileira. É evidente que a atitude responsável que o Brasil tiver agora, com relação à sua dívida externa, é que vai determinar a atitude dos

outros países endividados. Nós temos que ser responsáveis e que zelar pela nossa soberania. Temos de fazer moratória ou coisa mais drástica ainda porque nós temos inclusive uma grande responsabilidade perante o conjunto de países do terceiro mundo, em cima dessa questão. E não podemos, inclusive, deixar a Argentina sozinha! E se a gente vier a encontrar, de uma maneira ou de outra, condições de pagar, temos de atentar muito para o custo social disso.

OSAIR — A impressão que eu tenho é que o terceiro mundo deposita uma confiança muito grande no Brasil. E aí eu lhe pergunto: o Brasil está cumprindo bem o papel que dele espera o restante do terceiro mundo? Ou ele é vacilante?

"ME CHAMAREM DE COMUNISTA OU DE MARXISTA ERA SEGURAMENTE UM ABUSO DE LINGUAGEM. ERA A MANEIRA DE JUSTIFICAR UMA ARBITRARIEDADE."

MARCOS GUERRA — Eu acho, por exemplo, que com relação à dívida externa o Brasil não está cumprindo corretamente o seu papel. Eu penso que a posição não agressiva numa política de cooperação Sul-Sul, também é uma posição que mostra que o Brasil não está cumprindo bem o seu papel. Penso que ele cumpriu o seu papel quando reconheceu rapidamente Angola e Moçambique. Foi o primeiro país que reconheceu a independência das ex-colônias portuguesas. É evidente que nós, por razões inclusive históricas, tínhamos que ser os primeiros a fazer isso. Eu acho portanto que o Brasil tem cumprido, aqui e ali, mas não nas coisas mais importantes.

OSAIR — E por que o Brasil não está cumprindo esse papel?

MARCOS GUERRA — Por falta de visão política global, da classe dirigente, sobretudo a nível de governo federal. Mas eu tenho certeza de que a direção global da política externa do Brasil é uma questão que interessa também aos governos estaduais. É evidente que os governos dos Estados do Nordeste têm o que ver com as relações do Brasil com os países da África. Os governos do Nordeste têm de lutar não apenas para mudar os critérios das relações do Nordeste com São Paulo e Rio, mas têm que também modificar as relações desta região com a África e a Ásia, que estão aí ao lado, e com o resto da América Latina, onde muitos países têm o mesmo tipo de problemas e de dificuldades ecológicas, o mesmo tipo de produção. Nós temos lições a dar, em cima da agricultura do semi-árido. Mas temos lições a receber, também, em cima da pecuária do semi-árido, da irrigação do semi-árido... e não vai ser o pessoal do Sul, ou o pessoal de Brasília, que vai ter condição de dirigir esse processo. Agora, como nós somos uma federação, nós temos de assumir, dentro da federação, o papel de dirigente daquilo que interessa decisivamente à nossa região. Eu acho muito cômodo se dizer que quem pode resolver isso é Brasília. Não! Acho que essa questão diz respeito a cada um Estado ou ao conjunto dos Estados.

OSAIR — Talvez por estar lon-

ge há muito tempo, você não tenha idéia precisa acerca da falta de força dos Estados no Brasil.

MARCOS GUERRA — Se não tem força, meu amigo, conquista a força! Dizer que não tem força, vamos dizer que seja uma situação verdadeira, hoje. Faz parte do projeto político, desde o golpe, a centralização do poder para que todos os governos dependam de Brasília, principalmente em termos econômicos, em termos de sobrevivência da máquina do Estado. Mas acontece o seguinte: 1.º Isso tem que mudar, ou então nós não somos uma federação; e 2.º Vamos conseguir a mudança como uma conquista, ou como uma concessão?

DODORA — A que você atribui o fato de, nas últimas eleições, a grande vitória do governo ter acontecido somente no Nordeste?

MARCOS GUERRA — Olhando de fora, eu acho que isso está ligado ao nível de consciência política, de educação de base, e ao nível de continuação do coronelismo. Digo isto tudo, olhando de fora! Agora, pode ser que numa análise mais fina, surjam outras razões. Mas, em síntese, eu acho que em 82 aconteceu uma vitória do coronelismo.

MARCOS — Você ainda alimenta o desejo de voltar ao Brasil?

MARCOS GUERRA — Claro. Atualmente, o trabalho que eu faço é de assessoria a vários governos, africanos sobretudo, e sobretudo os de língua portuguesa. Trabalho para esses governos quase sempre em nome da Organização das Nações Unidas, UNESCO, OIT... Eu moro em Paris, por acidente. E para este tipo de trabalho, tanto faz estar morando em Paris como estar morando no Brasil. Não era o caso antes, quando eu estava trabalhando no IRFED, ou quando — no período de 76 a 80 — eu trabalhei numa fundação de protestantes, ortodoxos e católicos, lá na França, que financiava projetos para alguns países em desenvolvimento. Essa organização se chamava ACOEDESE (Ação Ecumênica para o Desenvolvimento). Agora, para o trabalho que eu faço hoje, que é de assessoria, eu posso estar morando em qualquer lugar. Claro que é mais barato viajar para a África a partir da Europa, do que daqui do Nordeste. Claro que eu tenho a intenção de voltar para o Brasil, ou pelo menos tenho o desejo...

"NAQUELE TEMPO, O DESNÍVEL ENTRE OS QUE GANHAVAM POUCO E OS QUE GANHAVAM MUITO NÃO ERA TÃO GRANDE. HOJE, OS POBRES ESTÃO CADA VEZ MAIS POBRES."

MARCOS — Quer dizer que ainda não é uma decisão?

MARCOS GUERRA — Eu tinha um projeto para voltar em 1981. Para isso, inclusive, fiz um doutorado em Direito Internacional do Desenvolvimento, que é uma coisa nova e que me criava condições de pleitear, por exemplo, o trabalho em uma Universidade aqui na região. Mas tive de adiar essa volta por razões várias. Considero que adiei, simplesmente. Agora, o que vai me fazer atrasar mais um pouco a volta é que eu estou terminando de estruturar juridicamente uma

cooperativa entre assessores e consultores para estimular as relações Sul-Sul, principalmente entre o Brasil, a América Latina, e países da África, que são as áreas que eu conheço melhor. Eu vou precisar de dois anos mais para consolidar isso. Uma vez concluído o trabalho de organização, eu terei condições de voltar ou de começar a voltar. Quer dizer: morar aqui pelo menos quatro ou seis meses por ano.

"OLHANDO DE FORA, EU ACHO QUE A VITÓRIA DO PDS NO NORDESTE SE DEVE À CONTINUAÇÃO DO CORONELISMO"

DODORA — Qual é o tipo de notícia do Brasil que chega mais na Europa?

MARCOS GUERRA — Na França, pouco antes da minha última viagem à África, chegou uma notícia patética: "Seca no Nordeste: 25 milhões de pessoas atingidas". Isso saiu num noticiário em horário nobre e durou 12 minutos. Falava do drama de um grupo de flagelados que se dirigiu para Fortaleza. Isso causou a mais completa incompreensão na cabeça dos franceses! Eles diziam: "como é que um país que estava num milagre até ontem, está agora endividado e com 25 milhões de pessoas com problemas de sobrevivência?" Depois chega outro tipo de notícia: "carnaval no Rio... tantos mortos". Todas as pilhagens de supermercados no Rio, ou então a violência cotidiana dos centros urbanos, isso chega sempre lá, regularmente. Mas chegam também as notícias dos partidos, de como evoluiu o PT, o PMDB... Chegam as notícias sobre as lutas por direitos humanos... Tudo depende do setor no qual você circula.

DODORA — Então, ultimamente, a seca foi o assunto que repercutiu mais?

"EU GOSTARIA QUE A ELEIÇÃO FOSSE DIRETA E SE EU ESTIVER EM CONDIÇÕES VOU LUTAR PARA ISTO."

MARCOS GUERRA — Sim. Agora, no mês de novembro, essa foi a notícia de maior impacto, porque todo mundo lá sabe que o Brasil é um país rico. A grande diferença em relação à seca que o pessoal lá está habituado a ver na televisão — que é a seca africana da Uganda, do Níger — a grande diferença é que nesses países a população não tem para onde se virar, enquanto que aqui existem os supermercados alguns quilômetros mais longe, onde existe comida abundante. Com isso, se vê que o Brasil não está na mesma situação daqueles países africanos. Isso aí choca muito. Essas são as notícias que chegam do Brasil. Pontuais e factuais.

OSAIR — Como é que o francês médio vê o Brasil? Vê como um caso insolúvel, de golpes e contra-golpes?

MARCOS GUERRA — A caricatura é essa, de republiqueta, de república de banana. Depois, vem uma caricatura muito mais violenta, de violações constantes dos direitos do homem, o que nem sempre é caricatura. Agora, vê ainda como um eldorado. Vê o Brasil com uma potencialidade de riquezas extraordinárias.

MARCOS — A França faz uma experiência socialista. Você acredita que o socialismo poderia ser uma boa solução para o Brasil?

MARCOS GUERRA — "Um" socialismo, sim, seguramente. Eu não diria "o" socialismo, porque não há um só socialismo...

OSAIR — É verdade. Até o ministro Mário Andreazza declarou-se recentemente um socialista... (risos)

MARCOS GUERRA — É... eu não conheço... Não existem muitos socialismos, mas eu vejo que cada país tem uma modalidade concreta de aplicação. Não se fazendo a necessária adaptação do regime socialista às condições de um país, e querendo-se apenas implantar "o" socialismo, se vai entrar pelo cano... Socialismo não é bicho de sete cabeças. Socialismo é distribuir riqueza e facilitar o acesso das pessoas à riqueza, inclusive cultural, acesso aos serviços de saúde, aos serviços de transporte, de comunicação, ou seja, um acesso à riqueza, que é um patrimônio coletivo e que atualmente está sendo manipulado apenas por alguns. A gente sabe que o Brasil é rico. Dinheiro existe no país. Gente ganhando muito dinheiro existe. O que é preciso é que essa riqueza seja partilhada e que as pessoas todas tenham acesso às condições de produção, de trabalho, de terra...

"SOCIALISMO NÃO É BICHO DE SETE CABEÇAS. SOCIALISMO É FACILITAR O ACESSO DAS PESSOAS À RIQUEZA. E A GENTE SABE QUE O BRASIL É RICO"

MARCOS — Em 1964 você já se considerava um homem com uma ideologia definida? Você foi rotulado de comunista, de marxista... Era um exagero?

MARCOS GUERRA — Eu desejava mudanças na sociedade. Ideologia definida eu não tinha. Me chamarem de comunista ou de marxista era, seguramente, um abuso de linguagem. Eu não era membro do partido comunista, nem sou. E me taxarem de marxista era uma maneira de quererem complicar as coisas, ou de justificar uma arbitrariedade.

MARCOS — Para encerrar, Marcos: você repetiria tudo que você fez na sua vida? Você se arrepende de alguma coisa que fez?

MARCOS GUERRA — Não, não me arrependo de nada. Repetir tudo de novo, também não, porque eu acho que seria idotice. A gente aprende com a vida! Eu poderia fazer melhor! Não cometeria alguns erros. Cuidaria um pouco mais da formação para evitar algumas improvisações. Teria talvez um pouco mais de cuidado para evitar sofrimentos meus ou de outras pessoas. Uma coisa que eu não repetiria, talvez: eu fui liberado várias vezes por *habeas corpus* e sempre voltava para casa, onde era preso logo em seguida. De maneira deliberada, eu estava decidido a ver até onde ia chegar aquela contradição... e estava também decidido a terminar o meu curso universitário. Eu não queria sair do país... Mas ao concluir o curso de Direito no dia 8 de dezembro, logo no dia 25 eu me sentia forçado a viajar.

"Era um dia frio e ensolarado": 1984

Gibson Antunes

Está nas bancas da revista do país e em discussão em todo o mundo o romance "1984", do inglês George Orwell, livro que ressurgiu com uma data cabalística, às vésperas de um ano que se prenuncia sombrio, tanto no âmbito nacional quanto no conflagrado panorama internacional.

A indagação sobre se o ficcionista de 1947 foi realmente profético quando criou sua antiutopia de um mundo extremamente infeliz, soa irrelevante, já que a distância de 34 anos de sua publicação coloca hoje a obra naquele limbo de atemporalidade que marca as grandes criações. Na verdade, Orwell valeu-se da liberdade de imaginar não para denunciar especificamente o totalitarismo sanguinário da Rússia de Stalin, como alguns interpretaram ao vir à luz sua obra consagrada. E mais do que um libelo geral contra os totalitarismos da época, sua preocupação maior era com a preservação da liberdade individual de modo a garantir acesa a chama da consciência.

É sob este prisma que "1984" mantém-se viva, pois não está submetida à contingência do tempo histórico, como diria Malraux referindo-se à obra de arte em geral: "Seu tempo, que é o da metamorfose, nos torna inteligível a vida da obra de arte".

Os temores que certamente levaram o escritor inglês a inventar o pesadelo de uma época próxima, artifício com que pretendeu fustigar a eterna ameaça à liberdade individual e coletiva, não somente persistem, mas tornaram-se mais profundos na medida em que o aperfeiçoamento dos métodos de dominação política — via dependência econômica — ampliou os meios de controle das superpotências sobre as áreas que elas decidiram serem de seus respectivos domínios.

Não temos, ainda bem, neste quase alvorecer de 1984, um mundo dividido nos três superestados totalitários imaginados por Orwell. Mas é indiscutível que cresce a cada dia a bipolarização do poder mundial como resultado, basicamente, da supranacionalização dos sistemas econômicos e financeiros e o conseqüente enfraquecimento das fronteiras políticas nacionais.

DOMINAÇÃO ECONÔMICA

Uma realidade concreta de nossos dias é aquilo que a tecnocracia supranacional chama de "a divisão mundial do trabalho". Ao planejarem os sistemas de produção e de distribuição da riqueza, eles se debruçam sobre o mapa de "seus domínios" e determinam os pontos através dos quais dar-se-á todo o processo de produção, fixando as áreas produtoras de matérias-primas, as geradoras de tecnologia industrial, os canais de distribuição etc. E fixados os objetivos, definidas as metas e os métodos do trabalho, eles são inflexíveis, inclusive no ignorar quaisquer veleidades na-



cionalistas, que serão superadas a ferro e a fogo quando não haja outro recurso, ou através do já corriqueiro expediente do suborno das elites dominantes, que transformam em tóteres. Há, além disso, formas outras mais elaboradas, como a da ingerência de organismos ditos internacionais, na economia e na condução político-social dos países sob controle, como é o caso do notório conhecido FMI, que certamente terá seus congêneres no lado soviético.

CONTROLE DA INFORMAÇÃO

Talvez mais grave, porque atinge o ponto crucial do libelo orwelliano — a consciência individual e a cultura de cada povo — assiste-se hoje à crescente centralização da informação e à universalização do que se convencionou chamar cultura de massa, produto da indústria cultural, nesta imbutido o domínio dos meios de comunicação de massa. É preocupante verificar-se que apenas 8,3% da população mundial (sete países — 212.340.000 habitantes) podem receber informação plena das cinco agências de notícias que produzem e distribuem — controlam, portanto — toda a informação mundial.

Neste campo, mesmo uma análise superficial é suficiente para revelar que o acesso do homem comum à informação já sofre hoje uma forte limitação ditada pelos interesses de Estado, que direta ou indiretamente exerce grande influência sobre a veiculação da notícia. As quatro agências ocidentais (duas americanas, uma francesa e uma inglesa) detêm o controle fechado da distribuição de notícias para 60,8% da população mundial, englobando 121 países. A União Soviética fica com uma fatia de 30,9% da população do globo, distribuída em 11 países da Ásia e da Europa, além da própria U. R. S. S.

Mas há alguns detalhes desse quadro que mostram a presença do neocolonialismo exercido pelas antigas metrópoles não apenas no terreno econômico. A Agência France Press, por exemplo, é um organismo

público misto (como aqueles que no Brasil são eufemisticamente chamados de sociedades de economia mista, na verdade apêndices da máquina estatal). A AFP e a Reuter, britânica, simultaneamente ou em separado, detêm a distribuição da notícia, com exclusividade, para — 104.294.000 habitantes, espalhados em 38 países da África e América do Norte e do Sul, coincidentemente os velhos domínios coloniais daqueles dois países. Sobre o assunto, vale a pena transcrever a opinião abalizada de Manuel Vasquez Montalbán, jornalista espanhol: "A convergência entre imperialismo econômico e imperialismo informativo é um fenômeno que já vem desde a aparição do sistema mundial de informação. (...) Implícita ou explicitamente as agências tradicionais, desde as origens, difundiram informação orientada no sentido mais favorável aos seus respectivos Estados. Esta tendência foi-se institucionalizando com a progressiva sujeição à tutela direta do poder".

O "Informe sobre la Información", ano 1979, editado na Espanha, adiantava: "O terreno está perfeitamente preparado para a monopolização das fontes informativas e a adaptação desse monopólio à geopolítica universal. O mundo subdivide-se em zonas de colonialismo informativo, sob o olhar vigilante das agências internacionais".

É patente, pois, que as grandes massas populacionais em todo o mundo só têm acesso às informações após o crivo de organismos estreitamente vinculados aos interesses de Estado. Sob este aspecto, a formação da opinião pública faz-se hoje, em grande parte, segundo os ditames do Grande Irmão, a tétrica personagem oculta da ficção orwelliana.

CULTURA DE MASSA

No que se refere à cultura de massa, promovida através dos grandes meios de comunicação, principalmente a TV e o rádio, a opinião hoje predominante é a de que essa "indústria cultural" ou "cultura industrializada" desempenha as mesmas funções de um Estado fascista e assim está na base do totalitarismo moderno ao promover a alienação do homem, que passa a receber mensagens em grande volume e velocidade, assumindo uma postura passiva, acrítica e sujeita, em conseqüência, à manipulação mental.

Mesmo que não se entre no mérito do debate que se trava em torno da indústria cultural, como elemento alienante ou democratizador da cultura, não se pode fugir ao temor de que a tendência centralizadora e paternalista do Estado avassalador termine também por tutelar a cultura de massa, com o controle direto ou indireto, explícito ou implícito, dos grandes meios de comunicação modernos.

Felizmente a ficção de Orwell não foi (nem pretendia ser) uma pro-

fecia que se cumpriria. O que ele quiz denunciar — e o fez magistralmente, com uma obra ao mesmo tempo satírica e dantesca — foi os periódicos surgimentos dos Estados todo-poderosos e as tiranias que estes geram. Figuras sinistras por ele criadas, como os "Dois Minutos de Ódio", o Grande Irmão, os Ministérios da Verdade e do Amor, a Polícia do Pensamento, o Duplipensar, podem ser episodicamente identificadas no mundo de hoje, com maior ou menor intensidade e duração. O denso e universal pesadelo de "1984", entretanto, induz à convicção de que é preciso, sempre e insistentemente, "dar consciência aos homens da grandeza individual que eles ignoram em si".

Se você paga caro por sua saúde e de sua empresa, certamente você entrou no sistema errado.

Além dos convênios com Empresas a INTERMÉDICA está lançando a assistência personalizada à sua saúde e a dos dependentes que V. designar.

CONSULTAS, EXAMES COMPLEMENTARES, INTERNAMENTOS para V. utilizar quando necessitar, aqui e em todo Brasil.

Sendo a maior organização de Medicina de Equipe do Rio G. do Norte... (200 especialistas, Clínicas, Hospitais e Maternidades), é claro que os planos que oferece são seguramente os melhores. Ponha a saúde de sua família em primeiro plano. Chegou INTERPLAN, o plano de saúde da INTERMÉDICA.

Em matéria de Convênios Globais com Empresas (Indústrias, Comércio, Bancos, Hotéis), a INTERMÉDICA também é pioneira. Pergunte à Guararapes, Algodoeira São Miguel, Borborema, Sotep, Texita, Vasp, Chesf, Subaquática, Center Othon, Sudene, Banco Auxiliar, etc. etc. Contacte conosco.



INTERPLAN
Plano de Saúde Intermédica
Avenida Prudente de Moraes, 1495 - Fone PABX 223-3663

INTERMÉDICA
Assistência Médica Global
Avenida Prudente de Moraes, 1495 - Fone PABX 223-3663

MA 774 3171 V I

early studio arts

lazer e serviço

Faça seu roteiro

Enfim muda a programação dos cinemas. Os fracassados filmes dos "Trapalhões" cedem lugar ao caríssimo "O RETORNO DE JEDI", orçado em Cr\$ 30 bilhões, em exibição no "Nordeste". Este é o terceiro capítulo de "Guerra nas Estrelas". O segundo foi "O Império Contra-Ataca Todos de enorme popularidade pelos geniais efeitos especiais, que ar-

rancaram aplausos da crítica especializada. São 942 efeitos especiais que o cineasta George Lucas utiliza para o sucesso de bilheteria do seu filme. "O RETORNO DE JEDI" tem momentos de suspense, vividos pelo herói "Luke Skywalker" (Mark Hamill), defendendo-se dos perigos em lutas intergalácticas com espadas de raio laser. Todos esses truques eletrônicos são

capazes de encantar ao mais exigente espectador sendo considerado no Brasil, como um dos dez melhores filmes de 1983.

No próximo dia 13, no TAM, às 21:00 horas os fãs de TEREZINHA DE JESUS irão dançar e cantar, no lançamento do seu quinto LP, que está carregado de balanço nordestino.



Teatro

TEATRO ALBERTO MARANHÃO

— Nos dias 11 e 12, quarta e quinta-feira, às 21:00 horas, o TAM apresenta o — "CHICO ANISIO SHOW". O humorista cearense pretende proporcionar momentos de riso franco e inteligência.

— A seguir, nos dias 13, 14 e 15, às 21:00 horas, a cantora natalense, TEREZINHA DE JESUS, faz a estréia nacional do seu quinto LP, "FRÁGIL FORÇA". No dia 13 o show será dedicado à "Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais" — APAE. O novo álbum de Terezinha de Jesus, lançado pela CBS, mostra a voz suave da cantora, o progresso de sua carreira e um repertório variado, sem perder a sua nordestinidade. A música título do disco, "FRÁGIL FORÇA", é uma composição de Luiz Melodia em parceria com Ricardo Augusto. Há também, músicas de compositores como Moraes Moreira, que aparece com duas músicas, "Odalisca em Flor" e "Bumerangue", em parceria com Waly Salomão e Abel Silva. Mais adiante surge composições da dupla Mirabó e Capinan, com a música "A Paixão". Quem assistir ao "show" certamente dançará ao som de "Beijo na Bochecha", de Moacir Albuquerque e Tavinho Paes, ou "Hora Adora", de Beti Niemeyer. Tem mais: "Baú de Brinquedos", de Abel Silva e Nonato Luiz; "Mar Azul", de Terezinha de Jesus, Babau e Chico Guedes; "De mansinho" da dupla Enoch Domingos e Jotagê Campanholi "Vento Leste", de Paulo Debétio e Waldir Luz e ainda um dos clássicos da música brasileira, "Linda Flor" (Yoyô). Este novo LP de Terezinha de Jesus vem cheio de nomes famosos, nos arranjos musicais de Luiz Avelar, Marcos Resende, Hélvius Vilella, Lincoln Olivetti, Jorjão e Joca. O show é uma produção do seu marido, Roberto Lessa.

Cinema

RIO GRANDE — Hoje em última apresentação, "O TRAPALHÃO NA ARCA DE NOÉ". Censura Livre. Em sessões de 14:00, 15:45, 17:30, 19:00 e 21:00 horas.

Amanhã, "BANANA JOE", com Bud Spencer. Censura Livre. Sessões de 15:00, 17:00, 19:00 e 21:00 horas. Em cartaz até terça-feira.

Na próxima quarta-feira, 11, "AC-DC, DEIXE O ROCK FALAR". Censura Livre. Em sessões de 15:00, 17:00, 19:00 e 21:00 horas. Em exibição até sábado.

NORDESTE — "O RETORNO DE JEDI", em sessões de 13:50, 16:15, 18:40 e 21:00 horas. Censura 10 anos. Em cartaz até quarta-feira, dia 11.

Em seguida, "RETRATOS DA VIDA", em sessões de 15:30, 19:00 e 21:00 horas. Censura 14 anos.

REX — Programação dupla: "DE TODAS AS MANEIRAS" e "A NOI-



TE DAS TARAS N. 2". Em sessões de 15:00, 17:00, 19:00 e 21:00 horas. Em cartaz até segunda-feira. Censura 18 anos.

Na terça-feira, nos mesmos horários, "O JOGO DA MORTE N. 2" e "CHRISTIANE F. 13 ANOS, DROGADA E PROSTITUIDA". — Censura 18 anos. Em exibição até o dia 16, domingo.

DRIVE IN-RAMPA — "AEROPORTO 1980", hoje, às 21:00 horas. "O SENHOR DOS ANÉIS", sá-

bado e domingo em sessões infantis às 19:00 horas. "INOCÊNCIA", amanhã e domingo, às 21:00 horas.

PANORAMA — Programação dupla. "AS PANTERAS NEGRAS DO SEXO", até hoje, em sessões de 15:30 e 20:00 horas. A partir de amanhã até o dia 11, quarta-feira, "CAFETINA DE MENINAS VIRGENS" e "NICOLE, A PARANOICA DO SEXO", às 15:30 e 20:00 horas. Censura 18 anos.

Sexta-feira, 06/01/84

- 16,00 Sítio do Picapau Amarelo — "O Circo de Escavaliño"
- 17,25 Daniel Azulay — Desenhos e brincadeiras
- 17,50 As Aventuras do Tio Maneco — "O Caso da Garrafa Enfeitiçada"
- 18,10 Balcão de Emprego — O perfil do mercado de trabalho
- 18,55 Jornal Universitário — Informativo da UFRN
- 19,05 RN Esporte — Noticiário Esportivo
- 19,15 Consultório — Informe Médico
- 19,30 O Assunto É...
- 19,45 Artefato — Os fatos da arte plástica potiguar
- 20,15 Hora Livre — O panorama cultural da cidade
- 20,45 RN Notícia — Noticiário local.
- 21,00 Chão de Estrelas — Especial com a cantora Joyce
- 22,00 1984 — Edição Nacional
- 22,45 Sessão das Dez — Apresentando o filme "Sonho de Amor"

Sábado, 07/01/84

- 16,15 Viola, Minha Viola — Apresentando duplas e intérpretes da música sertaneja. Apresentação de Inezita Barroso e Moraes Sarmiento.

TELEVISAO

- 17,45 Momento Rural — programa voltado para o homem do campo
 - 18,15 Ação Comunitária — A comunidade em ação
 - 18,45 Telesporte — Comentários esportivos
 - 19,45 Estúdio Aberto — Programa jornalístico de entrevistas
 - 20,15 Viajando o Sertão — Cantoria e a Correspondência
 - 20,45 RN Notícia — Noticiário local
 - 21,00 Festa Baile — Programa musical apresentado por Branca Ribeiro e Agnaldo Rayol, gravado no Clube Piratininga de São Paulo, com a Orquestra do maestro Silvio Mazzuca e a participação de grandes nomes da MPB.
 - 23,00 Maestro
- Domingo, 08/01/84

- 12,00 Mutirão — Tudo sobre cooperativismo
- 12,30 Festa Baile — (reapresentação)
- 14,30 Chão de Estrelas — "Joyce" (reapresentação)
- 15,30 Cenário Popular — "Os Mitos da Defesa"
- 16,00 Teatro Infantil — Apresen-

- tando "Natal Azul ou Encarnado"
- 17,00 Presença Religiosa — Ofício da Santa Missa
- 18,00 Som Pop — Sucessos da música pop internacional
- 19,00 Forró — Apresentação de Teca Calazans e Rouxinol
- 20,00 Jornal de Domingo — Noticiário
- 21,00 Câmera Aberta — Apresentando "Maracatu Atômico"
- 22,00 Em Cena o Autor — "Nelson Rodrigues — Obsessão Viva"

Segunda-feira, 09/01/84

- 17,25 Daniel Azulay — Danças e brincadeiras
- 17,50 As Aventuras do Tio Maneco — "O Caso da Garrafa Enfeitiçada"
- 18,10 Balcão de Emprego — O perfil do mercado de trabalho
- 18,55 Jornal Universitário
- 19,05 RN Esporte
- 19,15 Consultório
- 19,30 O Assunto É...
- 19,45 Podium — Esporte amador
- 20,45 RN Notícia
- 21,00 Viola, Minha Viola — Apresentando duplas e intérpretes da música sertaneja.
- 22,00 1984 — Edição Nacional
- 22,45 Perfil Brasil — Apresentando a Região Norte.

Cultivo de algas no RN deixou de ser pesquisa e tornou-se realidade

O telex pegou Clementino desprevenido. Saindo daquela espécie de curral de peixes onde mergulha diariamente, examinando as algas que se penduram em cordas azuis de náilon ligando duas estacas entre si, a cem metros da praia, recebeu o papel e, depois de lê-lo, vibrou: era a Food and Agriculture Organization (FAO), entidade vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU), apresentando os valores que ele deveria considerar em seu trabalho. Chefe do Departamento de Oceanografia e Liminologia — (DOL), o antigo Instituto de Biologia Marinha, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o professor Clementino Câmara Neto não mais esperava que a FAO lhe determinasse aumentar dos centavos de dólar que vinha considerando até então para 1,70 dólar norte-americano o preço de comercialização de algas marinhas secas, por quilo FOB.

— Só isso já elevou para treze mil dólares o lucro que se pode obter em cada hectare cultivado com algas — afirma o professor.

Poucos dias antes, ele havia comemorado outro fato positivo e inesperado em suas pesquisas: Constatou que a produção média de cada módulo em que dividiu a granja aquática "Mydas", da UFRN, na praia de Búzios, Nisia Floresta, onde vem realizando suas pesquisas desde o início de 1983, era de 13,7 quilos.

US\$ 8,5 MIL A MAIS.

A média mínima capaz de assegurar rentabilidade econômica era de sete quilos por módulo, e na quinta-feira, dia 22, ao iniciar o corte das algas, para o qual Clementino convidara o reitor Genivaldo Barros e vários dirigentes de entidades que espera atrair para seus estudos, Clementino não tinha certeza de que obteria aquele mínimo.

Afinal de contas, o seu era o primeiro cultivo organizado de algas marinhas em toda a América do Sul.

A FAO permitiu que Clementino mandasse dizer posteriormente ao presidente da Empresa de Pesquisas Agropecuárias do Estado do Rio Grande do Norte (Emparn), engenheiro-agrônomo Ronaldo Fernandes, e a técnicos e dirigentes de entidades como as Superintendências de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e da Pesca (Sudepe), que apóiam as pesquisas da UFRN sobre algas marinhas; do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujos incentivos quer conseguir, e da Comissão Interministerial de Recursos do Mar (Cirm), que o lucro médio de um cultivador de algas subiu 8,5 mil dólares por hectare.

Antes do telex, todos os seus

cálculos previam um lucro médio de 4,5 mil dólares/hectare.

CHEGAR À PRAIA

Agora, segundo Clementino, os estudos perdem a característica de pesquisa em andamento, vez que os índices referentes à rentabilidade econômica eram os últimos que faltavam. Para a Universidade, cuja

A instituição assimilou e produziu tecnologias de outros países e, assim, poderá registrar e patentear o processo "Mydas", que o professor desenvolveu e se baseia na estrutura de madeira e cordas e na fixação de algas novas, para se desenvolverem.

Os cálculos de Clementino indicam um investimento fixo de 25 centavos de dólar a cada três anos

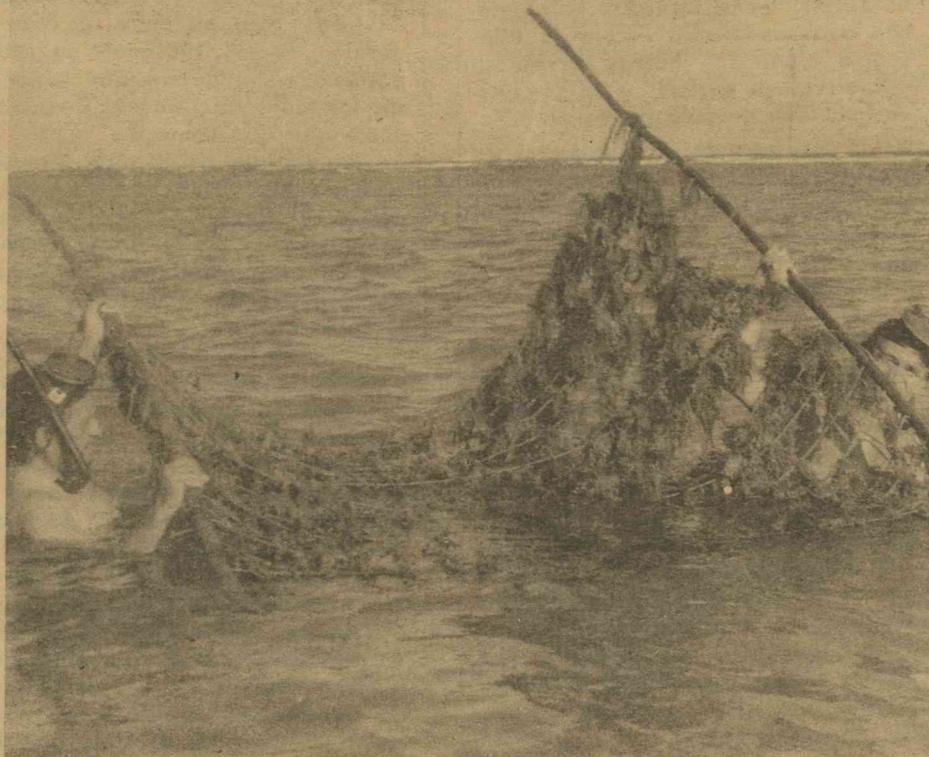
os dias da semana, o ano todo, retribuindo-lhe com renda também perene. É pensando nisto, aliás, que o governador Paraibano, Wilson Braga, pensa em adotar o cultivo de algas na zona praieira do município de Lucena, após a proibição à pesca de baleias que, se algum dia for mesmo determinada pelo Governo federal, desempregará centenas, senão milhares de seus habitantes.

ENVOLVIMENTO

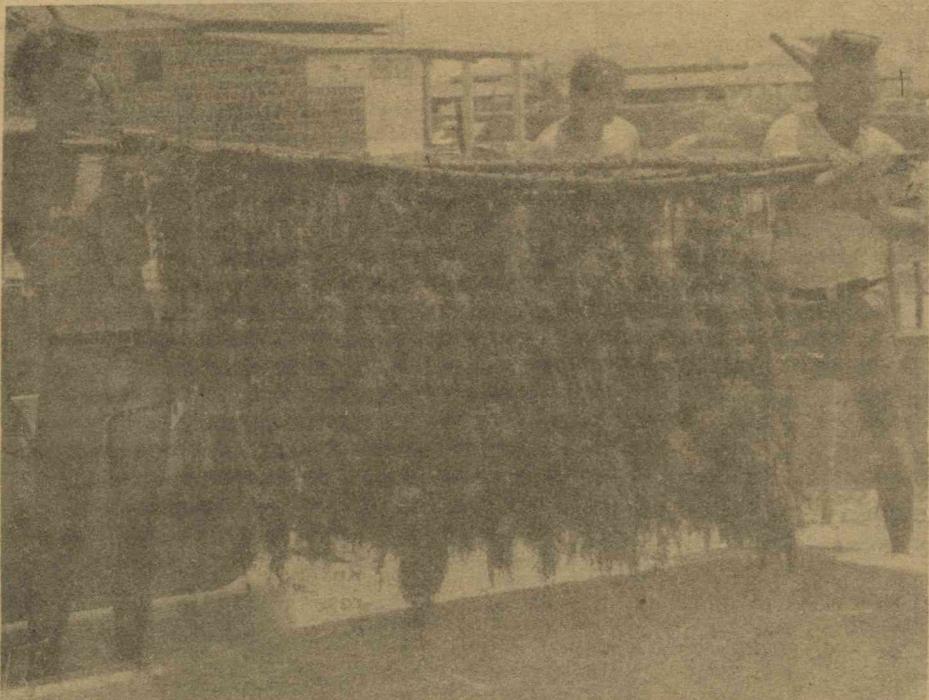
É isto, também, que poderá ser feito no Rio Grande do Norte se houver uma soma de esforços visando difundir o cultivo de algas junto às populações praieiras. A atividade conta, de saída, com uma espécie de rejeição nascida do insucesso ainda hoje não explicado de um ambicioso empreendimento privado ligado às algas, o da Algimar, que esparramou uma imagem negativa não apenas aqui no Estado.

Para que as vantagens do cultivo cheguem claramente ao povo será preciso o envolvimento de órgãos estaduais, como o Prodecór, um programa ligado ao desenvolvimento das comunidades rurais cujos executivos e técnicos, diga-se de passagem, já se vinham ligando a essas pesquisas por sensibilização pessoal.

Clementino e o professor Aluisio Machado, superintendente da Fundação Norte-rio-grandense de Pesquisa (Funpec), a instituição universitária que tem viabilizado as pesquisas, esperam contar, mais adiante, com algum apoio da Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social — (STBS), promovendo a divulgação da tecnologia junto às mulheres adultas e seus filhos, e da Secretaria de Indústria e Comércio (SIC), descobrindo formas de envolvimento da iniciativa privada com a nova atividade. Enquanto isto, a UFRN desenvolverá pesquisas antropológicas visando estabelecer as melhores formas de relacionar o homem da praia com o cultivo de algas.



Clementino, à direita, colhendo algas na granja "Mydas"



As algas colhidas, prontas para serem pesadas

cadeira de Algologia é responsável pelas investigações científicas, falta só receber o relatório técnico da equipe para transmitir academicamente às instituições envolvidas os conhecimentos produzidos. Para Clementino, doravante a UFRN deverá assegurar os meios para a divulgação desses resultados junto aos potenciais beneficiários — as comunidades pesqueiras nordestinas.

e dizem que, ainda sendo uma atividade sazonal, porquanto deve respeitar o ciclo de crescimento das algas, o cultivo poderá ocupar as esposas e filhos dos pescadores, numa primeira fase, e eles próprios, numa etapa subsequente, por tempo integral. Basta espalhá-lo por grandes áreas. Alguns hectares de cultivo, com rotação controlada, prendem uma família inteira todos



Anuncie em

DOIS
PONTOS

PÁGINA 19



Na festa da inauguração do Aero Clube do Rio Grande do Norte, o Sr. Juvenal Lamartine em companhia do Cap. Djalma Petit.

Os pioneiros - II

O ano de 1928 chegou empurrado por grandes feitos aviatórios envolvendo esta cidade dos Reis Magos. Aliás, estes fatos já vinham acontecendo desde 1922, quando pousou no Potengy o hidroavião "Sampaio Correia" pilotado pelo coerense Pinto Martins. A partir daí Natal sempre esteve na rota dos grandes "raids" que se destinavam a América do Sul. Foi uma torrente de intrépidos aviadores querendo transpor a Cordilheira dos Andes ou o Atlântico Sul. O fascínio de vencer estes obstáculos, trouxera a Natal vários ases da época: os italianos De Pinedo, Ferrarim e Del Prete, o português Sarmento de Beires, o Major americano Herbert Dargues e sua esquadrilha de 3 aviões, os brasileiros Ribeiro de Barros acompanhado de Newton Braga (futuro Brigadeiro da Aeronáutica) com o avião Jahú; os franceses Costes e Le Brix, os quais fizeram o primeiro pouso noturno em Parnamirim, auxiliados por grandes fogueiras nos limites. Isto sem falar noutros, que foram aguardados com ansiedade porém ficaram pelos caminhos.

A cidade de Natal já se acostumara a ser sobrevoada por complicadas máquinas voadoras e seus corajosos ocupantes. Eles viviam a história da aviação. Por esta época, 1928, assumia o Governo do Estado no Rio Grande do Norte o Presidente Juvenal Lamartine de Faria, um apaixonado pela arte de voar. Natal já era assim uma cidade motivada; por esta razão o novo Presidente não teve nenhuma dificuldade quando em companhia de um grupo de amigos, fundou em 28 de dezembro daquele ano o Aero Clube do Rio Grande do Norte. Para isto teve que pedir Crédito especial para compra de aviões, construção de pistas e outras instalações além de doar um terreno pertencente ao governo à nova instituição.



Inauguração do Aero Clube do Rio Grande do Norte em 29. 12. 1928.

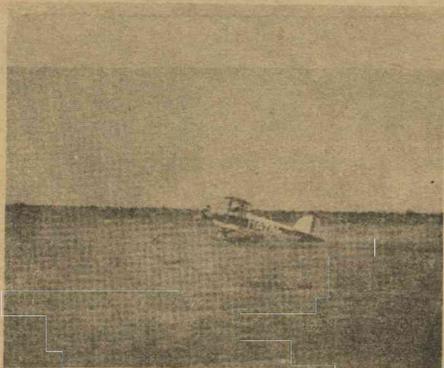
Pery Lamartine

O novo Clube tinha o objetivo de desenvolver o interesse pela aviação, mantendo uma Escola de Pilotagem além de outras atividades desportivas e sociais. Esta iniciativa teve logo o apoio do Governo Federal, que através do Ministério da Marinha cedeu um dos seus aviadores, o Capitão Djalma Petit, o qual permaneceu em Natal durante dois anos dirigindo a Escola de Pilotagem e ensinando os alunos a voar.

O dia 28 de dezembro de 1928 foi festivo na nova sociedade; a tarde teve hasteamento de bandeira com banda de música, discursos, foguetões e revoada de aviões. O avião NATAL I pilotado por Djalma Petit, pousou oficialmente pela primeira vez na pista ao lado e foi batizado com uma garrafa de champanhe derramada em sua hélice pela primeira dama do Estado D. Silvina Lamartine. A noite houve baile nos salões oferecido à sociedade natalense.

Neste mesmo dia foi indicada a primeira Diretoria que ficou constituída de Juvenal Lamartine de Faria para Presidente; Fernando Gomes Pedrosa para 1.º Vice-Presidente; Dr. Décio Fonseca para 2.º Vice-Presidente Dr. Adauto Câmara para 1.º Secretário. Assinaram a Ata de Fundação, como sócios fundadores, doze interessados por aviação: Juvenal Lamartine de Faria, Dra. Berta Lutz, Octávio Lamartine, Olavo Lamartine, Cícero Aranha, Adauto Câmara, Christóvam Dantas, Fernando Gomes Pedrosa, Manoel Augusto Pereira de Vasconcelos, Nestor Lima, Omar O'Grady e Eric Gordon.

Era a entrada de Natal, definitivamente, na era da aviação, tornando-se no Brasil uma cidade pioneira neste mister.



O avião "NATAL" do ACRN decolando

Ontem vestido de menino - VIII

Augusto Severo Neto

Pronto. Tudo relacionado, enfileirado e catalogado. Tudo arrumado para o balanço de mais um fim de ano. A presbiopia salvando-me da precisão cruel na constatação do estoque de rugas que cresceu no meu rosto-tempo, e a acuidade da visão transcendental precisa, na conferência do armazenado subjetivo das emoções, com os devidos juro e dí-zimos de vivência e com transformações até na qualidade dessas emoções. Saudades (como é grande o estoque de saudades!...), tristezas, espantos, alumbamentos, desencantos, revoltas.

É engraçado ver como são essas coisas. Na contabilidade do grande armazém dos sentimentos mesmo as velhas contas continuam rendendo juros. Não há meio de fazê-las parar. Vamos ver quais os saldos positivo ou negativo que terão de ser lançados no "Contas-Correntes" deste ano que começa.

As alegrias estão aqui. Passo-as e repasso-as. Por cima delas, para evitar confusões, tenho que por uma alegria maior. Porei... Mas será preciso mencionar? O fisco é rigoroso e o imposto sobre as alegrias é tão alto!...

Saudades. Prateleiras e mais prateleiras. Umas explícitas, outras trazendo apenas datas, outras mais, uma simples letra de código. Abro algumas. Examinoo-as. Esta, por exemplo, fala de outro começo de ano. Na velha casa de Areia Preta. Já havia terminado a missa do Ano Bom. Nos sinos da meia noite nós nos abraçamos, nos beijamos e nos dissemos coisas bonitas de querer e de desejar. Fizemos visitas de amor e paz a Chico Brito, a Felinto Manso, ao doutor Luiz Antonio. Desejamos coisas boas a Nival Câmara, a Francisco Gomes da Costa e aos outros vizinhos. Recebemos, lá em casa, Canindé, Chico Preto, Pedro Perna Santa e Xico Santeiro, com sua mulher Imaginária e a enfiada de filhos. Havia presentes para todos ao pé do grande pé-de-ficus iluminado que ficava no alpendre ao lado da casa. Havia também pastéis, bolos, castanhas, vinhos e até champanhe. Minhas irmãs pulavam de alegria. Mamãe estava bonita e contente. Papai estava contente e bonito. Hoje eles são saudade maior.

Depois fomos até à São Tomé. Vovó Inês, Tiazinha, Maria Eugênia e Sinhá. Tinha geléia de araçá, refresco de pitanga, rosário de castanhas e alfenins. Tinha muito amor.

Abraçamos Pio, Maria e filhos; os Dieb todos, seu Virgílio e família, seu Thomaz, dona Nélia e filhos; vovó Branca, tia Bela e todos de lá; dissemos até um "Bonne Année" a Louise e verificamos que, naquele dia, Abel não estava rangendo os dentes e que Maria Thérèse ria às gargalhadas. Depois foi a vez de doutor Ramalho, dona Lucila e aquela família bonita toda. Andamos em peregrinação para lá e para cá e, em cada casa, comíamos e bebíamos coisas gostosas. Pouquinho, senão... O abraço final da noite, ou melhor, os abraços, foram na casa do seu Arthur Tinoco e Dona Nicota, que estavam lá com Almerinda, Alba, Arthur, Rosilda, Anita e Zuleika. Dona Nicota falou na caixa d'água de vovó Inês e seu Arthur riu sizudamente, como costumava fazer. Bebemos uma taça de champanhe e comemos uma fatia de peru e depois um pedaço de bolo recheado. Escolhi o casal como retrato da minha saudade deste ano.

Dizem que na passagem de Ano Novo o vinho apaga a tristeza, que os sorrisos nascem indecisos e acabam por se transformar em gargalhadas; que se pode quebrar nozes e castanhas-do-Pará e atirar as cascas na cabeça dos passantes. Uma das saudades me conta que fiz isso naquele dia. Por que não posso fazer agora? Por que? Por que esse gosto de lágrimas no vinho que me servem? É sempre magoada a alegria de Ano Novo para quem teve outros Anos Novos escutando outros sinos e ouvindo vozes queridas que já silenciaram.

De todas as coisas conferidas me sobrarão deste ano mais um enorme estoque de saudades. Muitas terão sido alegrias, mas as alegrias só o são à flor das horas.



Dona Nicota e Seu Arthur Tinoco

O que está faltando no RN: liderança política ou competência empresarial?

Mais de duas décadas se passaram. A dívida maior do Estado, acumulada nesse período, não está virtualmente no deficit financeiro, mas na própria consciência de seus dirigentes públicos e empresariais.

A partir dos anos 60, o ufanismo do desenvolvimento regional foi a principal fonte de inspiração, tanto para propostas econômicas como para plataformas políticas. Foram anos seguidos de intenso otimismo e mobilização sustentados pela emocionalidade do "milagre", cuja tese central propunha um novo Nordeste economicamente bipolar: colonização no campo e industrialização nas cidades. Com essa argumentação pretendia-se formar duas classes de líderes na região: a dos novos políticos e a dos dirigentes empresariais, com o objetivo de substituir as práticas ortodoxas do modelo rural-urbano, concentrador de renda pela moderna empresa numa composição mais aberta à participação social. É possível que essa linearidade regional tenha roubado a autonomia estadual.

Descaracterizados pela complexidade dessa política, os Estados "menores" do Nordeste foram duplamente penalizados: suas prioridades passaram a ser as da região e a integração dos mercados tirou-lhes o poder local de competição, sendo suas atividades econômicas, a partir daí, reorganizadas de fora para dentro, o que acentuou ainda mais a dependência aos recursos federais.

Hoje, porém, desfeitos os sonhos, acorda o homem e a terra para, no-

ALCIR VERAS

vamente, enfrentarem uma realidade que lhes parece, agora, mais hostil. Hostil, pelo desencanto de saber que o Rio Grande do Norte continua sendo um Estado essencialmente consumidor, em que pese seu comprovado potencial de recursos naturais; as culturas alimentares e as de exportação; as fibras vegetais e o artesanato; a agro-indústria; os recursos marinhos, o petróleo, cuja produção atual é 4 vezes superior ao consumo; além de outros ramos do setor primário.

No entanto, sua sobrevivência depende da produção industrial e agro-pecuária de outros Estados. Sem incluir os eletrodomésticos e outros bens de conforto, o Rio Grande do Norte compra fora os artigos mais simples do cotidiano e praticamente todos os gêneros e alimentos básicos. Sua produção agro-pecuária não dá para alimentar 1/4 da população. Grande parte dos produtos vendidos no comércio do Rio Grande do Norte portam etiquetas de Estados do próprio Nordeste como Pernambuco, Bahia, Paraíba e Ceará.

Desprovido de auto-suficiência produtiva, o Estado não tem como gerar emprego e renda para manter o crescimento de sua economia interna.

A hora, entretanto, não é para lamentações, mas de coragem para romper o cordão umbilical de uma política econômica de cativo. Temos capacidade própria de criar e produzir.

De boa fé, a sociedade trabalhadora Norte-rio-grandense espera o resgate social dessa dívida.

O medo da história e o poder político

Leopoldo Nelson

Grande parte das nossas leis normativas é proveniente de conceitos formulados pelos filósofos alemães e, em particular, por Emanuel Kant, subtraída da sua Crítica da Razão Prática — regras éticas e morais ou, num círculo mais reduzido: institutos legais e instrumentos aceitos ou não, por determinada comunidade humana e situada num tempo e num espaço definidos de nossa história.

Tal Crítica da Razão Prática repousa no sistema filosófico muito mais amplo e desenvolvido na Crítica da Razão Pura, onde, aquilo que Kant escreveu com o nome de Estética Transcendental, representa um sumário da filosofia e da metafísica do simples existir ou estar no mundo — o *dasein* de Heidegger — depois, interpretado como fundamento para o direito natural. A segunda parte deste livro pode ser vinculada à tradição que se perde no pensamento de São Tomaz de Aquino ou de Aristóteles; pelo menos, assim pensava Pontes de Miranda e concluíamos, nas saudosas conversas dos jardins da casa do amigo Varela Barca.

O aspecto normativo das leis, entretanto, esbarra nos princípios que Kant não conhecia à sua época; princípios, derivados do desenvolvimento da psicologia e da neurologia atuais e, cujo método de investigação se fundamenta noutra linha de pensamento. Naquela de Galileu Galilei, de Giordano Bruno ou dos diversos filósofos pré-socráticos ou alexandrinos. A substituição da especulação introspectiva pela busca da realidade experimental.

Apesar do aparente espírito acadêmico desta discussão ela é profundamente atual no Brasil de hoje e, na verdade, sentimos que os fatos se repetem nas raízes antropológicas do fenômeno do acontecer humano. Uma lei se fundamenta sobre algum conceito de verdade e, tal lei, enquanto normativa se refere ao conceito de verdade da civilização romana: a verdade conforme o que está escrito e que foi aceito ou imposto — a Lex Romana.

Na civilização grega e em particular na democracia de Atenas, entretanto, o conceito de verdade concernia àquilo que se descobre quando se procura conhecer, à relação existente entre o homem e as forças telúricas da natureza. As suas leis, literalmente, seguiam o princípio da legitimidade do poder constituído.

Na civilização hebraica ou nas diversas teocracias do mundo árabe e, sobretudo, naquela dos "aiatolás"

do Irã: o conceito de verdade traduz a revelação; verdade, enquanto comunhão com os princípios superiores produzindo um estado hipnótico de graça ou de iluminação. A verdade crença somente conhecida pelos iniciados na fé de Deus, no Profeta, ou — no imã. Não conheço, infelizmente, os conceitos de verdade das civilizações asiáticas ou africanas, porém, me parece, que a idéia de imanência próxima do panteísmo de Espinoza seja o fator principal da organização política.

Percebo, entretanto, que no mundo de hoje o corpo das leis que legitima qualquer poder político somente se estabelece como um organismo saudável quando — e somente quando —, representa o pensamento do gênero humano como verdade invariante da espécie e, como verdade relativa de cada civilização no acontecer causal das comunidades. A dimensão invariante confere a legitimidade ao poder político e o acontecer causal confere, apenas, a forma normativa assumida e com que este poder se apresenta.

Quero dizer com isto apenas uma coisa bastante simples: não adianta estabelecer ou impor um conjunto de leis normativas se qualquer povo se este conjunto não possui a legitimidade e a invariância antropológica. Se este povo não admite que ele seja verdadeiro; que tal invariância não se refira ao direito natural ou, aquilo que compreendemos como direitos humanos elementares. Da legitimidade das leis decorre a legitimidade de qualquer poder político — a legitimidade que depende do voto livre de cada componente do povo.

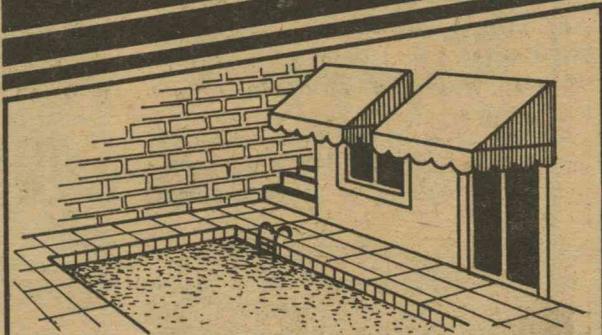
Antígona — na tragédia de Sófocles — queria apenas que o seu irmão Polineices fosse sepultado contra a ordem do ditador: seu tio Creon; Antígona queria o cumprimento de um direito natural de todo ser humano — mesmo que tal direito jamais tenha sido escrito. Antígona queria a legitimidade da lei e não tinha medo da história; como não têm medo as loucas da Praça de Maio, na Argentina, ou como também não tem medo a meia viúva de Luiz Maranhão — nas ruas de Natal.

Na América Latina de hoje, um continente cheio de Antígonas, aqueles que — como Creon —, ainda mantêm os cadáveres das suas vítimas insepultos e trancados dentro dos arquivos em função das leis normativas são, apenas, os que têm medo do julgamento da história. E, tudo se passa como no Outono do Patriarca de Gabriel Garcia Marques.



Peça hoje mesmo a sua assinatura de DOIS PONTOS pelos telefones 231-1873 e 231-2903 e comece a receber em casa o semanário que está revolucionando a imprensa de Natal!

TOLDOS
Ambiente



PROTEJA SUAS PORTAS E JANELAS DO SOL E DA CHUVA

TEL: 223.2055
O ÚNICO ESPECIALISTA NO RAMO
Av. Bernardo Vieira, 1413 - L. Seca - Natal - RN

DOIS PONTOS
os dois lados da notícia

Recepção de pequenos anúncios até a tarde de quarta-feira.

ALUGA-SE APARTAMENTO

Aluga-se excelente apartamento na rua Senador José Ferreira de Souza, 1937/201, Alto da Candelária. Três quartos (uma suíte), WC social, salão, cozinha, dependência de empregada, área de serviço, armários

embutidos, boxes, porteiro eletrônico, vaga na garagem. 150 mil + condomínio (10 mil). — Tratar pelos fones 231.6122 (horário das refeições e à noite) e 231.1873/2903 (horário comercial).

Condução de Márcio ao Tribunal de Contas dificultada por sua família

Estão muito obstruídos os caminhos capazes de levar o deputado estadual Márcio Marinho, atual presidente da Assembléia Legislativa, a ocupar uma cadeira de conselheiro do Tribunal de Contas do Estado e, segundo informações que há tempos circulam na área estaria no seio da própria família do parlamentar o principal obstáculo aparente à sua nomeação pelo governador José Agripino Maia.

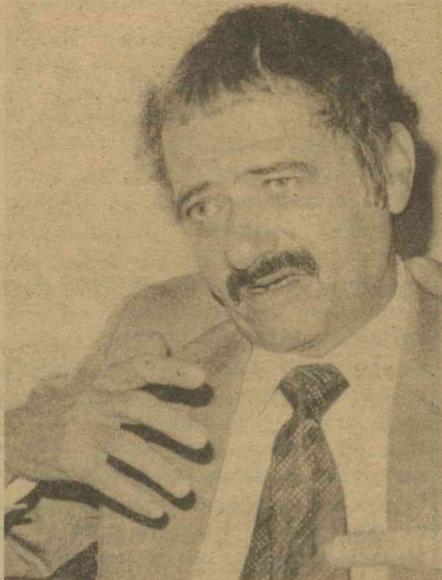
Para chegar ao Tribunal, Márcio contaria com a vaga ocupada há anos por seu cunhado, o conselheiro Oscar Nogueira Fernandes. Mas, pelo que se informa, irritado com Márcio desde que este contribuiu para elevar o conselheiro José Borges Montenegro à Presidência do Tribunal, por ocasião da aposentadoria do conselheiro Genivaldo Barros, atual reitor da Universidade Federal (UFRN), Oscar — que postulava o cargo e considerava-se o candidato natural porque estava então na vice-presidência da casa — teria repetido várias vezes e diante de diversas pessoas que só se aposentaria, abrindo então a vaga para o cunhado, quando este enfrentasse seu primeiro insucesso eleitoral.

Também fora do Tribunal de Contas há quem jure ter ouvido algo a respeito. Para Oscar, a unidade familiar costurada há mais de trinta anos pela liderança interna inquestionável de seu sogro, o falecido ex-deputado federal Djalma Marinho, teria sido quebrada por Márcio ao optar por um estranho em detrimento do parente que possuía direitos, mesmo que passíveis de discussão. Afastado desde então do Tribunal, graças a sucessivas férias e licenças, Oscar também lançou suas flechas contra alguns dos seis colegas e praticamente se auto-exilou, determinado momento na Europa, outro no Paraná, mais recentemente aqui mesmo no Rio Grande do Norte. Seu afastamento é tão flagrante que enquanto já se contam votos para a sucessão de José Borges na Presidência — para onde parece garantida a eleição do conselheiro Alcimar Torquato, este sim, amigo do peito de Márcio —, ninguém se sente em condições de formular qualquer prognóstico quanto ao comportamento que adotará, na hora indicada, o conselheiro Oscar Fernandes.

HEBE NA VAGA

Fincando pé, como se diz, contra o irmão de sua esposa Hebe Marinho, Oscar pode estar articulando mais de um projeto — inclusive o de tentar assegurar a vaga para a própria consorte, admite-se.

Se for esta sua meta, ele poderá obter um resultado capaz de acomodar parcialmente os objetivos da família Marinho, que permanecerá, assim, presente ao Tribunal. Mas não se pode garantir, hoje, que o governador José Agripino acompanhe o raciocínio do conselheiro, se for este, e simplesmente não no-



Márcio enfrenta oposição de cunhado

meeie sua esposa. Assim, quando Oscar se resolvesse pela aposentadoria, correria o risco de receber alguma surpresa, como a nomeação de alguém inteiramente fora de suas cogitações. Outro plano seria o de manter-se na ativa até atingir a idade limite para a aposentadoria compulsória, o que levaria mais de dez anos.

Em todo o caso, não havendo uma composição familiar o Deputado pode, desde já, dar adeus à nomeação. Se não for indicado enquanto detém forte parcela do Poder, considerando-se que é o atual presidente do legislativo; mantém um outro seu cunhado, o economista Marcos Cesar Formiga Ramos, na Prefeitura natalense; conta com amigos pessoais em posições de relevo, como Genivaldo Barros, e receberia o apoio da grande maioria de seus colegas de Assembléia, e de alguns dos atuais membros do Tribunal, nunca mais o Deputado poderia pensar em sentar-se ao lado de Alcimar e de outro ex-colega, o conselheiro Paulo Gonçalves de Medeiros. Ele tem no máximo seis meses para concretizar esse projeto, do contrário nunca mais, assegura um outro seu amigo alojado no Tribunal.

VÁRIAS INFLUENCIAS

A análise é simples. A nomeação de alguém para o Tribunal é um ato político e, para concretizá-lo, são necessários vários fatores, isoladamente ou em conjunto, dos quais o mais importante é o aval da família que governa. O engenheiro Vauban Bezerra, por exemplo, nunca estaria lá se dependesse apenas da indicação de seu primo, o senador Dinarte Mariz; foi mais válido o apoio do pai do Governador, o ex-governador Tarcísio Maia, com quem ele trabalhou de 1975 a 1979, como Prefeito da capital.

Genivaldo, que nunca disse a ninguém que tinha um voto além do seu, nunca poderia ser considerado um homem sem cacife político ao entrar no Tribunal: sendo um dos amigos pessoais mais íntimos de Tarcísio, ele veio então a ser o

verdadeiro representante que a família Maia introduziu na Casa.

O próprio Alcimar chegou ao Tribunal numa situação delicada em que valeu menos o peso da família Torquato, à qual pertencem ele e a conselheira aposentada Lindalva Fernandes, a quem substituiu. O indicado do clã era o atual auditor do tribunal Raimundo Torquato, também conhecido como "Babú", mas a família Maia lhe impôs restrições. Assim, para não perder a vaga, os Torquato e os deputados federal João Faustino e estadual Raimundo Fernandes terminaram indicando Alcimar. Se não o fizessem, hoje não teriam nenhum parente na casa.

PROFISSIONALISMO

Este quadro — a família indicando um nome e o Governador preferindo outro — poderá repetir-se na substituição de Oscar, e com agravantes: pessoais ligadas à família Maia asseguram que nela há uma forte corrente contra este aspecto de capitania hereditária ou feudo familiar conferido às cadeiras da velha casa da rua Getúlio Vargas. Outros acham que a família Marinho já foi muito contem-

plada. José Agripino, mesmo, preferiria adotar critérios mais profissionais na composição do colegiado de Contas, onde se alinham médicos, engenheiros e advogados, praticamente nenhum deles com qualquer experiência anterior com contabilidade, exceto o decano José Petronilo Fernandes, que tinha acumulado muitos anos na iniciativa privada, antes de entrar no tribunal; Vauban, o que reúne mais tempo como servidor e chefe de poderes executivos, e José Gobat Alves, que já dirigiu dois bancos governamentais.

Se se intensificarem as dificuldades, Oscar terá introduzido na família Marinho outro problema: certo de que tem futuro assegurado no Tribunal de Contas, Márcio já anunciou a correligionários do Agreste sua disposição de não mais tentar a reeleição em 1986, apresentando seu irmão, Valério, como o postulante à cadeira que a família mantém no legislativo estadual praticamente desde o século passado. Na hipótese de não ir para o Tribunal, forçosamente Márcio tentará voltar ao legislativo, frustrando os planos que Valério alimenta há tantos anos, e complicando um pouco mais o relacionamento familiar. ROBERTO GUEDES.

ASSINATURA SEMESTRAL DE DOIS PONTOS:

Capital: Cr\$ 5.000 — Interior: Cr\$ 7.000 — Outros Estados: Cr\$ 8.000

Pedido pelo telefone 231-1873 — NATAL

A RÁDIO DIFUSORA
DE MOSSORÓ

ANUNCIA

PARA TODO **NORDESTE**

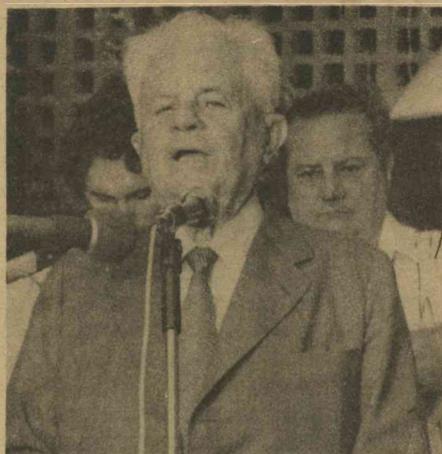
10 Kw

INAUGURAÇÃO 1º DE JANEIRO

**NÃO HÁ DISTANCIA QUE NOS
SEPRE**

Ao cumprimentar Governador, Dinarte pede por seu irmão

Pelo menos para o senador Dinarte Mariz, que vinha passando muito mais tempo em Brasília e em sua fazenda, "Solidão", no município seridoense de Serra Negra do Norte, do que em Natal, a manhã de 30 de dezembro foi de dupla utilidade. Dinarte, que aos oitenta anos é o decano dos congressistas brasileiros, aproveitou a hora previamente marcada para a apresentação dos cumprimentos ao governador José Agripino e ao prefeito Marcos César Formiga para lhes apresentar dois pedidos de ordem administrativa em que está empenhando todo o seu prestígio.



Dinarte quer situação do irmão regularizada

A José Agripino, no Palácio Potengi, o Senador entregou cópia de um requerimento já em tramitação na esfera jurídica do Governo, através do qual seu irmão Descartes Mariz, de 82 anos, pede que seja corrigida uma falha em seu processo de aposentadoria. Tendo sido quase a vida inteira o Superintendente de Rendas do Estado, com um dos mais elevados salários atribuídos pela máquina administrativa, Descartes foi aposentado com um salário equivalente ao de Coordenador de Secretaria — de modo que há fiscais de rendas percebendo bem mais do que ele.

Segundo a família, o salário dele é em torno de Cr\$ 350 mil; ganhando a questão, ele ficará com vencimentos superiores a Cr\$ 1 milhão por mês. Além disso, seu requerimento pede que o Estado cumpra a decisão que o Tribunal de Justiça tomou em relação ao Mandado de Segurança que interpôs algum

tempo atrás: segundo o Tribunal, Descartes tem direito a receber 0,005% (cinco milésimos, na linguagem técnica) de toda a arrecadação feita pela Secretaria estadual da Fazenda, e dos quais até hoje ele não viu nem sinal.

O pedido que o Senador fez ao prefeito Marcos Formiga é no sentido de este nomear para Procurador Efetivo, despadrãozado, da Prefeitura, na vaga recentemente aberta pela aposentadoria de Moacyr de Góis, o advogado Marcos Maranhão. Alegação de Dinarte: além de ser um dos intelectuais mais ligados a seu filho, o deputado federal Wanderley Mariz, cujas campanhas eleitorais vem assessorando desde o debut do Deputado em 1974, Marcos, atual procurador do Departamento Estadual de Trânsito (Detran) é filho de Djalma Maranhão, seu falecido correligionário que veio a ser justamente quem criou a vaga para Moacyr de Góis.

Sucessão com união do PDS é a tese de Agripino em SC

O governador José Agripino deverá transformar em documento destinado à apreciação do encontro de governadores pedessistas, a ser realizado ainda este mês em Florianópolis, Santa Catarina, a tese que apresentou segunda-feira passada através do "Jornal do Brasil", no sentido de o PDS se unir e montar uma estratégia para a sucessão presidencial, no máximo até o próximo mês de abril, sob pena de tornar insustentável a defesa da via indireta como o melhor processo para escolha do futuro Presidente da República.

É possível, mesmo, que antes do encontro catarinense José Agripino exponha seu pensamento aos colegas governadores nordestinos, que formam o maior bloco entre os demais chefes de Governo pedessistas, com o objetivo de transformá-lo numa idéia comum a toda a elite dirigente do partido na região.

EM CIMA DO MURO

Na entrevista o Governador admitiu que não mais haverá o que preservar se persistirem as cisões internas de seu partido. Sem falar sobre a situação do PDS no Rio

Grande do Norte, ele disse que as dissensões podem fazer com que o partido chegue ao colégio eleitoral praticamente derrotado, desperdiçando a chance de eleger até pelo pleito direto um nome com respaldo popular e simpatias em setores da Oposição.

Habilmente, José Agripino evitou falar em preferências pessoais em relação aos candidatos. Se o fizesse, novamente estaria submetendo sua família a uma delicada situação pois hoje, na política do Estado, os Maia estão em cima do muro — José, pessoalmente, diz que apóia a candidatura do ministro do Interior, coronel Mário Andreazza; seu pai, o ex-governador Tarcísio, afirma que está com o vice-presidente Aureliano Chaves, e seu primo, o também ex-governador Lavoisier Maia, insinua-se como eleitor do deputado Paulo Maluf.

Enquanto isto, outros líderes situacionistas locais se posicionam claramente, e essa desunião aparente dos Maia corre o risco de expor os membros da família a situações delicadas no decorrer da corrida pela Presidência.

ECONOMIA

Notas e Comentários

A Confederação Nacional da Indústria, através da sua equipe técnica que reúne vários dos melhores economistas do país, realizou um estudo intitulado "A ECONOMIA BRASILEIRA EM 1983 E AS PERSPECTIVAS PARA 1984", do qual várias cópias já foram remetidas para autoridades governamentais e líderes políticos, além de terem sido distribuídas aos órgãos da classe empresarial. Pela importância deste documento e pela gravidade das conclusões que ele apresenta, transcrevemos abaixo alguns tópicos, para a análise dos leitores:

1) "Chega-se ao fim do exercício com a mais alta inflação da nossa história econômica, isto apesar de uma política monetária bastante restritiva e uma política salarial que a partir de fevereiro passou a restringir aos aumentos salariais, em especial dos segmentos médios e altos, em percentuais bastante significativos".

2) "A redução (da inflação) para níveis ainda superiores ao de 1982 e/ou estabilidade em níveis próximos ao de 1983, será influenciada primordialmente pelo desempenho do setor agrícola e pelo grau de confiança que se estabeleça na sociedade em relação à Política Econômica".

3) "Com as informações disponíveis, o quadro para o primeiro semestre do ano forma-se sob um véu de pessimismo, em razão da inércia da redução da inflação".

4) "Com a hipótese de uma taxa de inflação de 150%, a contração real de liquidez seria equivalente à de 1983".

5) "No início do quarto ano de redução do produto per-capita, as instituições que compõem a organização da sociedade apresentam-se crescentemente debilitadas".

6) "A natureza do processo de renegociação da dívida externa brasileira apresenta determinadas características que, caso mantidas, implicarão na inexistência de qualquer perspectiva de recuperação até o final desta década".

7) "No último ano comprometemos o equivalente a 90% da receita de exportações com o pagamento do serviço da dívida".

8) "A fragilidade deste esquema (de renegociação da dívida externa) pode ser percebida através da análise realista da economia brasileira e internacional, pela qual é possível se demonstrar a incapacidade do país gerar recursos suficientes para cobrir integralmente os juros da dívida externa e os demais itens do déficit da conta serviços".

9) "Os próximos anos reservam um ajuste recessivo permanente para a economia brasileira, caso permaneça o atual processo de renegociação da dívida externa. Nesse esquema, o volume de financiamento das amortizações e da parcela do juro definido a cada ano pelo sistema financeiro, é apenas suficiente para manter a economia à tona".

10) "Mesmo com os compromissos acordados com o FMI, circunstâncias poderão dificultar ainda mais o cumprimento global das metas, dado a existência de conflitos entre elas. Quando os objetivos conflitam, a solução é alterar os objetivos ou desenvolver tantos instrumentos de política, quantos sejam os objetivos a serem perseguidos".

Conhecendo e discutindo em profundidade o pensamento das lideranças da indústria nacional, representadas pela CNI, é que o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, Fernando Bezerra, alega que o único caminho para o Brasil escapar de uma crise econômica ainda mais grave do que a de 1983 é a moratória.

POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO PROJETOS DO GOVERNO MALUF

Empresários representantes das Federações das Indústrias, do Comércio e da Agricultura do Rio Grande do Norte, além de dirigentes da Associação Comercial, CDL, CONDIC, juntamente com os secretários da Indústria e Comércio e da Fazenda Estadual, além de diretores do BANDERN e BDRN, estarão durante todo o dia 9, segunda-feira, reunidos no auditório do SESI/SENAI, discutindo o ante-projeto da lei que cria o "Programa de Apoio ao Desenvolvimento Industrial do Rio Grande do Norte", a ser proximamente remetido pelo governador José Agripino à Assembléia.

O "Correio Brasiliense", edição do dia 4 último, publica a seguinte nota: "Diógenes da Cunha Lima, que presidiu até pouco tempo o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, foi convidado por Paulo Maluf para integrar um grupo que o ex-governador de São Paulo resolveu constituir com a finalidade de estudar soluções para os problemas nordestinos. O professor Diógenes, que ocupou a Reitoria da UFRN, vem há anos se dedicando ao estudo das questões relacionadas com o Nordeste".

Aqui em Natal, Diógenes vem promovendo uma série de reuniões com técnicos de alto nível

1984 inicia com mudanças no Governo

Promessas feitas a correligionários força Agripino a reformular equipe

Neste início de ano algumas mudanças políticas deverão acontecer na administração do governador Agripino Maia, principalmente em razão de promessas que foram feitas a seus amigos e correligionários, que agora buscam ocupar cargos no Governo do Estado. Estas promessas deverão ser cobradas com mais intensidade agora e dentro desta realidade alguns remanejamentos na administração pública já são previsíveis.

A primeira promessa de emprego que deve ser saldada neste início de ano é a que foi feita a Aristides Porpino, primo do líder do governo na Assembléia Legislativa, deputado Leonardo Arruda, e que há muito luta por cargo no Governo Estadual, mesmo que seja um posto de segundo escalão. O primeiro arranjo que o Governador Agripino Maia fez para acomodar Porpino não deu certo, pois o cargo oferecido no Frigonorte, de diretor administrativo, era um posto requisitado para ser ocupado por amigos do presidente Salomão Borges, que providenciou o expurgo de Aristides Porpino da administração do Frigonorte, pouco tempo após sua colocação.

SECRETARIA DE SEGURANÇA

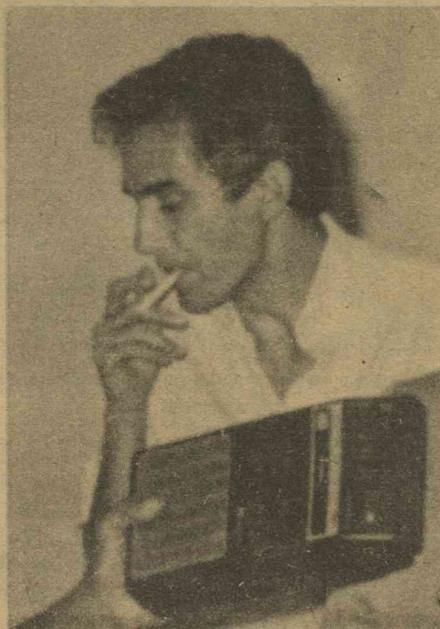
As ameaças de demissão que rondam o Secretário de Segurança Pública, coronel José Fernandes Delgado, ainda se fazem presente neste início de 1984, quando o coronel do Exército, Sosigenes Andrade, entra na reserva e volta a residir no Estado. Segundo as informações que correm dentro do próprio Palácio Potengi, Coronel Sosigenes é o homem que foi convidado para substituir o coronel José Delgado na Secretaria de Segurança, o que não foi aceito de imediato porque o ex-comandante da PM desejava entrar



Ruy Barbosa cotado para Secretaria de Esportes

primeiro na reserva, o que acontece no próximo dia 16 de janeiro. A partir daí, garantem as fontes ele se colocará à disposição do governador Agripino Maia para tocar a Secretaria de Segurança. Entretanto, a cotação do Coronel Delgado melhorou um pouco nos últimos meses, principalmente quando foi efetuada a prisão do assassino do irmão do ex-governador Aluizio Alves, Ednardo Silva Araújo, que representava o principal desgaste administrativo do atual titular da Segurança.

Estão previstas, também, mudanças no Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte-BDRN e Bandern, provocadas pelo fato de Humberto de Freitas assumir integralmente a direção do BDRN, deixando vago o cargo de diretor administrativo do Bandern, que acumulava, em nome de uma fusão das duas instituições financeiras e que acabou não ocorrendo. Para o



Paulo Tarcísio foi escanteado pelos Maia

posto de diretor-administrativo do Bandern, Humberto de Freitas já indicou o tecnocrata Walter de Carvalho, mas para substituir João Bosco Costa, que ocupava o cargo de diretor-administrativo do BDRN e que há cerca de um mês foi remanejado para presidir o CEAG, ainda não foi escolhido nenhum nome pela administração estadual.

SECRETARIA DE ESPORTES

A criação de uma secretaria de Governo, que deve arranjar a vida de muita gente que continua pendurada nas promessas eleitorais, também poderá acontecer neste primeiro semestre, quando o governador Agripino Maia deverá atender à sugestão do deputado Rui Barbosa e criar a Secretaria de Esportes.

Especula-se que esta pasta deverá ser conduzida pelo próprio deputado que a sugeriu e pelo atual presidente da Fenat, João Paiva.

Esta medida ainda viria a socorrer o suplente de deputado Rui Pereira, que espera o afastamento de um de seus colegas de bancada para retornar à Assembléia Legislativa, assim como proporcionará a geração de inúmeros empregos.

Na área legislativa outras novidades ainda devem aparecer e a criação da assessoria legislativa, que vem despertando discórdias entre os deputados em relação ao nome que deverá ser escolhido, é esperada para este início dos trabalhos parlamentares, que coincidem também com o retorno do advogado Romildo Gurgel a Natal, sendo este o principal nome que o Governador tem para colocar na assessoria que pretende criar.

Nas acomodações, restá, ainda, o jornalista Paulo Tarcísio Cavalcanti, que tem prestado inúmeros serviços à família Maia no Estado e que no momento vive amargurado o insucesso profissional que culminou com o fechamento do semanário "Hora H", que servia de suporte na área de comunicação ao Governo do Estado. Embora com muitos serviços prestados aos Maia, pessoas próximas ao Palácio Potengi asseguram que Paulo Tarcísio hoje já não é mais credenciado para ocupar nenhum posto de relevância no Governo estadual, devido a briga que comprou com os "Diários Associados", quando do fechamento de seu semanário. Desta forma Paulo Tarcísio foi levado a "mergulhar" e no momento o arranjo encontrado pela família Maia foi o de transformá-lo em comentarista político da TV Universitária, que também é administrada por um cunhado do Governador, jornalista Jânio Vidal.

AMAIOR BOUTIQUE DE CALÇADOS FEMININOS DE NATAL

Babuche

**.BOM GOSTO
.BONS PREÇOS
.VARIEDADE**

**HIPERCENTER
BOMPREGO-NATAL**

buon luigi

ao som do piano de Waldemar Ernesto

- * Comida italiana e tudo o mais que os bons restaurantes têm.
- * Picanha grelhada — Ensopado de Caranguejo — Picadinho à Moda da Casa
- * Agora aberto para almoço e jantar
- * Um bar de classe para o seu drink.

BUON LUIGI
o melhor programa

Av. Hermes da Fonseca, 960
Tel. 222-4677

CAMPOS EMPREENDIMENTOS LTDA.
ADM. Imóveis, Aluguéis, Loteamento e Dep. Jurídico

VENDE-SE

PRAIA DE GENIPABU — 3 quartos, 2 salas, varanda, 2 banheiros, cozinha, despensa, água e luz. Cr\$ 10 milhões quitada.

GENIPABU — Vila da praia, garagem, sala grande, 3 quartos, suite, cozinha, banheiro social, etc. Cr\$ 6 milhões quitada.

PRAIA DE GENIPABU — 1.º andar, murada, recém-construída, 15 metros da praia localização com vista panorâmica em destaque. Cr\$ 15 milhões.

CENTRO — Quitada. Ótimo para escritório. Cr\$ 3 milhões.

GENIPABU — Terreno com frente para o mar medindo 13x60m. Cr\$ 4,5 milhões.

Tratar no Edifício Cidade do Natal, sala 219, 2.º andar — NETO/CAMPOS — Tel. 222-5078

ALUGA-SE

GENIPABU — Casa de frente para o mar Cr\$ 700 mil. Jan/Fev.

GENIPABU — Casa a 150 metros da praia. Cr\$ 550 mil. Jan/Fev.

Apto. Ed. ATHENAS, prox. Hiper, recém-const. garag. privativa, suite, sala, área de serv. CHAVE Cr\$ 1.500.000,00 — Tel. 222.5078 Prestação Cr\$ 64.000,00.

Barra do Rio c/Luz, próximo do mar Cr\$ 1.500.000,00 — Tel. 222.5078.

Casa Lagoa Nova — 3 quartos, sala, copa-cozinha, área de serviço, dependência de empregada. Chave Cr\$ 3.000.000,00. Aceito proposta carro ou telefone.